https://sanderlei.com.br/ https://sanderley.com/ https://sanderleisilveira.com.br/

O VELHO E O MAR

Ernest Hemingway

https://sanderlei.com.br/ https://sanderley.com/ https://sanderleisilveira.com.br/

Prefácio

Quando a decisão de reeditar-se esta obra admirável me apresentou a oportunidade de ser eu desta vez a traduzi-la, com alegria aceitei esse trabalho, que o é, porquanto traduzir Hemingway tem sido um dos meus gostos e uma das minhas honras de tradutor. E em particular este pequeno romance passa por ser uma obra-prima da literatura contemporânea e talvez que o tempo o ponha entre as obras-primas da literatura universal. Pode dizer-se que, em toda a parte, e independentemente de felizes ou infelizes traduções, público e crítica receberam com entusiasmo este livro. Não é, no entanto, uma obra extensa, de acção complexa, de variado e movimentado ambiente. É, antes, um breve poema em prosa, uma epopeia de simples trama, singelamente narrada. Mas é, por outro lado, muito mais do que isso: um breviário nobilíssimo da dignidade humana, escrito com a mais requintada das artes.

Poucas vezes, no nosso tempo, terá sido concebida e realizada uma obra tão pura, em que a natureza e a humanidade sejam, frente a frente, tão verdade. Com efeito, a intensidade e a precisão do descrever e do caracterizar, qualidades que, com uma extrema e no entanto subtilmente doseada concisão, colocaram Hemingway entre os grandes escritores -- prosadores -- da nossa época, atingem nesta pequena obra um nível, um poder de visualização, uma emoção artística, uma vibração humana, que, em plano igual, a literatura quase só terá atingido na poesia épica clássica como em certas páginas de romance do século passado. O que mais irmana tudo isso à prodigiosa vivência da natureza, a um contacto com esta entre íntimo e respeitosamente distante, tão peculiar às grandes epopeias, é precisamente um conhecimento profundo, de todas as horas, de todos os momentos, dir-se-ia que da mínima tonalidade da luz, como do mais comum gesto de uma espécie animal, conhecimento que na literatura contemporânea só Hemingway possuirá tão despreconceituosamente.

O mar e a sua fauna vivem esplendorosamente nestas páginas de O Velho e o Mar. Mas vivem sem a mínima poetização panteísta, sem a mínima deliquescência antropomórfica. Vivem. São. E a luta titânica do velho pescador com o seu peixe imenso não é sequer titânica senão pela naturalidade da mútua aceitação: é uma luta pela vida, lutada em plena dignidade natural. Nada há de sobre-humano nela, que não seja o facto admirável de o homem ser capaz de lutar e de sobreviver para além do que parece ser o legítimo limite das suas forças.

Muito se tem escrito -- e é fácil -- sobre o pessimismo de Hemingway. O que sobre o pessimismo de uma tão perfeita narrativa exemplar de que, como o velho pescador pensa, "um homem pode ser destruído, mas não derrotado", se tenha escrito efectivamente, faz-me lembrar o que paralelamente é hábito escrever sobre o cepticismo. Uma vez, li um comentário a um filósofo medieval, que foi para mim, nestes pontos, extremamente iluminante. Do tal filósofo se dizia que era céptico para ter a certeza daquilo em que podia acreditar.

Algo de semelhante se passa com o pessimismo de Hemingway, independentemente do que nele participa do ambiente intelectual de após a Primeira Grande Guerra e de certas atitudes

neste ambiente peculiares aos chamados "expatriados" norte-americanos, de que Hemingway tem sido, ou foi, expoente notório. Esse pessimismo reflecte apenas uma ciência muito certa dos limites humanos, colhida na experiência e na aventura por um homem nado e criado para tal. É típica de Hemingway -- e há nesta obra um episódio importante, apesar de na aparência meramente episódico -- a sua confiança no conhecimento que vitalmente se adquire, aliada a uma desconfiança daquele que uma exterior educação possa dar. O episódio é o do passarito que vem pousar na linha de pesca, e ao qual o velho fala carinhosamente por achá-lo jovem e inerme. Mas, além de que o pássaro não entendia as suas palavras, não valia a pena explicar-lhe quem eram os falcões que o esperariam junto à costa, porque o pássaro não tardaria em aprender por si quem eles eram. Este episódio é simbólico -- simbólico de um pessimismo quanto ao que não seja directamente experimentado, embora uma criatura possa, por solidariedade, ser informada, quando a comunicação é possível. Simbólica é igualmente a total solidão do velho entregue a si próprio e à sua experiência de pescador, a contas com o seu poderoso peixe e com os tubarões de que, depois de morto o peixe, ele o defende. É extremamente comovente, de uma límpida grandeza de romanceiro ou velha saga quanto se passa entre o velho e o peixe. E as apóstrofes que o velho dirige ao seu contendor, a consciência de um respeito e de uma dignidade mútuas à face nua das águas, são de uma pungência e de uma majestade, que só têm contrapartida nos diálogos com o rapaz, em que a dignidade humana é respeitada até à última miséria. Daí o contraste terrível do final, com a antítese entre a ignorância pretensiosa dos "turistas" e a cena do rapaz velando o velho, possivelmente moribundo, que sonha com os leões, esses leões que são, em matéria de sonho, tudo o que lhe resta da vida.

Ante uma obra como esta -- da mais alta qualidade artística e da mais nobre categoria ética -- uma obra que nos eleva à contemplação da dignidade do homem e do mundo em que é um ser pensante, através da mais avassaladora singeleza: devemos curvar-nos gratamente e fazer votos por que, numa tradução que procurei fosse escrupulosa e fiel, pouco se tenha perdido de tão pura obra-prima, do seu poder incantatório, da sua frescura narrativa.

Lisboa, 1956

Era um velho que pescava sozinho num esquife na Corrente do Golfo, e saíra havia já por oitenta e quatro dias sem apanhar um peixe. Nos primeiros quarenta dias um rapaz fora com ele.

Mas, após quarenta dias sem um peixe, os pais do rapaz disseram a este que o velho estava definitivamente e declaradamente *salao*, o que é a pior forma de azar, e o rapaz fora por ordem deles para outro barco que na primeira semana logo apanhou três belos peixes. Fazia tristeza ao rapaz ver todos os dias o velho voltar com o esquife vazio e sempre descia a ajudá-lo a trazer as linhas arrumadas ou o croque e o arpão e a vela enrolada no mastro. A vela estava remendada com quatro velhos sacos de farinha e, assim ferrada, parecia o estandarte da perpétua derrota.

O velho era magro e seco, com profundas rugas na parte de trás do pescoço. As manchas castanhas do benigno cancro da pele que o sol provoca ao reflectir-se no mar dos trópicos viam-se-lhe no rosto. As manchas iam pelos lados da cara abaixo, e as mãos dele tinham as cicatrizes profundamente sulcadas, que o manejo das linhas com peixe graúdo dá. Mas nenhuma destas cicatrizes era recente. Eram antigas como erosões num deserto sem peixes.

Tudo nele e dele era velho, menos os olhos, que eram da cor do mar e alegres e não vencidos.

-- Santiago -- disse o rapaz, ao virem da praia para onde fora alado o esquife. -- Posso tornar a ir contigo. Já ganhámos algum dinheiro.

O velho ensinara o rapaz a pescar e o rapaz gostava muito dele.

-- Não -- respondeu o velho. -- Andas num barco de sorte.

Fica com eles.

-- Mas lembra-te de como saíste oitenta e sete dias sem peixe, e depois apanhaste só grandes, todos os dias, três semanas a fio.

-- Lembro -- disse o velho. -- Bem sei que não me deixaste por duvidares.

-- Foi o papá quem me mandou. Sou um rapaz pequeno e tenho de lhe obedecer.

-- Bem sei -- disse o velho. -- É assim mesmo.

-- Não têm grande fé...

-- Pois não. Mas nós temos. Então não temos?

Temos -- respondeu o rapaz.

- Posso pagar-te uma cerveja no Terraço e depois levamos a tralha para casa?

-- E porque não? -- disse o velho. -- Entre pescadores!

Sentaram-se no Terraço e muitos dos pescadores fizeram troça do velho e ele não se zangou. Outros, dos pescadores mais velhos, olhavam-no e ficavam tristes. Mas não o mostravam e falavam atenciosamente da corrente e dos fundos a que haviam deitado as linhas e do bom tempo firme e do que tinham visto. Os pescadores de sorte nesse dia já lá estavam e tinham aberto os grandes peixes e tinham-nos trazido ao comprido em duas tábuas, com dois homens atrapalhados à ponta de cada tábua, até à pescaria onde esperariam pelo camião frigorífico que os levaria ao mercado de Havana. Os que haviam pescado tubarões tinham-nos levado à fábrica, do outro lado da enseada, onde eram içados com um cadernal, e lhes eram extraídos os fígados, cortadas as barbatanas, esfoladas as peles, e a carne feita em postas para salgar.

Quando o vento era leste um cheiro da fábrica atravessava o porto; naquele dia, porém, só a vaga memória de um odor vinha, porque o vento rondara ao norte e caíra, e no Terraço cheio de sol era agradável estar.

-- Santiago -- disse o rapaz.

-- Que é? -- perguntou o velho, segurando o copo e a pensar nos tempos de outrora.

-- Posso ir arranjar-te umas sardinhas para amanhã?

Não. Vai jogar o "baseball". Ainda sei remar e o Rogélio atira a rede.

-- Gostava de ir. Se não posso pescar contigo, gostava de ser útil de qualquer maneira.

Pagaste-me uma cerveja -- Disse o velho. -- Já és um homem.

-- Que idade tinha eu quando me levaste a primeira vez num barco?

-- Cinco, e ias quase morrendo, quando puxei o peixe ainda muito forte e por pouco ele fazia o barco em pedaços. Não te lembras?

-- Lembro-me da cauda a dar e a bater e do banco a partir-se e do barulho da pancada. Lembro-me de me teres atirado para vante, onde estavam as linhas molhadas, e de sentir o barco tremer todo, e do barulho de tu à pancada a ele como quem deita uma árvore abaixo, e do cheiro doce do sangue por cima de mim.

-- Tu lembras-te disso, ou fui eu quem te contou?

-- Lembro-me de tudo, desde que primeiro saímos juntos.

O velho olhou para ele, com os seus olhos amoráveis, confiantes, ardidos do sol.

-- Se fosses meu filho, levava-te e tentava a sorte --

disse. -- Mas és filho do teu pai e da tua mãe, e andas num barco dos bons.

-- E se eu fosse às sardinhas? E sei onde arranjar quatro iscas.

-- Sobraram-me de hoje as minhas. E deixei-as em sal na caixa.

-- Deixa-me arranjar quatro frescas.

-- Uma -- disse o velho. A esperança e a confiança nunca o haviam abandonado. Mas reverdeciam agora, como ao sopro da brisa.

-- Duas -- Disse o rapaz.

-- Duas -- anuiu o velho. -- Não as roubaste?

-- Era capaz. Mas comprei estas.

-- Obrigado -- disse o velho. Era demasiado simples ele, para ficar-se a pensar ao atingir a humildade. Mas sabia que atingira e sabia que não era desgraça e não acarretava perda do amor-próprio autêntico.

-- Amanhã, com esta corrente, vai ser um bom dia -- disse.

-- Para onde vais? -- perguntou o rapaz.

Muito para o largo, para vir quando levantar o vento. Quero sair antes de ser dia.

-- Hei-de ver se o levo bem para o largo -- disse o rapaz.

-- E, se pescas alguma coisa das grandes, podemos ir ajudar-te.

-- Ele não gosta de trabalhar muito ao largo.

-- Pois não -- reconheceu o rapaz. -- Mas hei-de ver o que ele não pode ver, assim um pássaro à pesca, e levá-lo aos delfins.

-- Vê assim tão mal?

-- Está quase cego.

-- É estranho -- disse o velho. -- Ele nunca andou às tartarugas. E é o que dá cabo dos olhos.

-- Mas tu andaste anos e anos às tartarugas na Costa do Mosquito, e vês bem.

-- É que eu sou um velho estranho.

-- Mas ainda tens força para um peixe dos grandes a valer.

-- Acho que sim. E há muitas manhas.

-- Vamos levar a tralha para casa -- disse o rapaz.

-- Para eu arranjar a rede e ir pelas sardinhas.

Pegaram na palamenta do barco. O velho levava o mastro ao ombro, e o rapaz a caixa de madeira com as linhas escuras, ásperas e enroladas, o croque e o arpão na sua bainha. A caixa das iscas estava sob o banco da popa, com o cacete que servia para dominar o peixe graúdo quando era trazido até ao casco. Ninguém roubaria nada ao velho, mas era melhor levar a vela e as linhas grossas para casa, pois que a orvalhada é má para elas, e, embora o velho estivesse certo de que ninguém do sítio lhe roubaria nada, achava que um croque e um arpão são tentações inúteis a deixar num barco.

Subiram juntos o caminho até à choupana do velho e entraram pela porta franca. O velho encostou ao pé da parede o mastro com a sua vela enrolada,

e o rapaz pousou a caixa e o resto ao pé. O mastro era quase tão comprido como o compartimento único da choupana. Esta era feita de duros ramos de palmeira, a que chamam *guano*, e havia nela uma cama, uma mesa, uma cadeira, e um lugar no chão para cozinhar a carvão de choça. Nas paredes escuras, de achatadas e sobrepostas folhas do grosseiramente fibroso *guano*, havia uma gravura a cores do Sagrado Coração de Jesus e outra da Virgem de Cobre. Eram relíquias de sua mulher. Noutro tempo houvera ainda uma fotografia dela na parede, mas ele tirara-a por se sentir muito só ao vê-la, e estava agora na prateleira do canto, por baixo da camisa lavada.

-- Que tens para comer? -- perguntou o rapaz. -- Um tacho de arroz de peixe. Queres?

-- Não. Como em casa. Queres que eu acenda o lume?

-- Não. Acendo-o eu depois. Ou como o arroz frio. -- Posso levar a rede?

-- Claro que podes.

Não havia rede, e o rapaz lembrava-se de quando a tinham vendido. Mas todos os dias representavam esta cena. Também não havia tacho de arroz, o que o rapaz também sabia.

-- Oitenta e cinco é bom número -- disse o velho. -- Gostavas de me ver trazer um que desse mais de quinhentos quilos?

-- Pego na rede e vou às sardinhas. Sentas-te ao sol, à porta?

-- Sento. Tenho o jornal de ontem e vou ler o "baseball".

O rapaz não sabia se o jornal da véspera também era a fingir. Mas o velho foi buscá-lo abaixo da cama.

-- O Perico deu-mo na *bodega* -- explicou.

-- Eu volto com as sardinhas. Guardo as tuas e as minhas no gelo, e pela manhã a gente reparte-as. Quando eu voltar, contas-me do "baseball".

-- Os Yankees não podem perder.

-- Mas tenho medo dos Indianos de Cleveland.

-- Tem confiança nos Yankees, meu filho. Pensa no grande DiMaggio.

-- Mas eu tenho medo dos Tigres de Detroit e dos Indianos de Cleveland.

-- Tem cautela, ou acabas com medo dos Vermelhos de Cincinnati e do Sox de Chicago.

-- Tu vês isso, e contas-me quando eu voltar.

-- Achas que a gente compre lotaria com a terminação em oitenta e cinco? Amanhã é o dia oitenta e cinco.

-- Podíamos comprar -- disse o rapaz. -- Mas que é feito do teu grande recorde de oitenta e sete?

-- Isso não acontece duas vezes. Achas que arranjas um oitenta e cinco?

-- Posso encomendar.

-- Um inteiro. São dois dólares e meio. A quem pode a gente pedir isso emprestado?

-- É fácil. Dois dólares e meio posso eu pedir sempre.

-- Parece-me que também eu. Mas faz por não pedir emprestado. A gente começa por pedir emprestado e acaba a pedir esmola.

-- Anima-te, meu velho -- disse o rapaz. -- Lembra-te de que estamos em Setembro.

-- O mês dos grandes peixes -- comentou o velho. -- Em Maio, qualquer é pescador.

-- Vou-me às sardinhas.

Quando o rapaz voltou, o velho adormecera na cadeira e o sol pusera-se já. O rapaz tirou da cama o velho cobertor da tropa e lançou-o sobre as costas da cadeira e os ombros do velho. Eram ombros estranhos, ainda fortes apesar de muito velhos, e o pescoço era ainda forte também e as rugas não tão evidentes quando o velho dormia e a cabeça lhe pendia para a frente. A camisa dele havia sido remendada tantas vezes que era como a vela,

e aos remendos o sol os desbotara matizadamente. A cabeça do velho era, porém, muito velha,

e de olhos fechados, não havia vida no rosto. O jornal estava pousado nos joelhos, e o peso do braço segurava-o da brisa da tarde. Estava descalço.

O rapaz deixou-o ficar, e, quando voltou, ainda o velho dormia.

-- Acorda, velho -- disse o rapaz, e pousou a mão num dos joelhos dele.

O velho abriu os olhos e, por momentos, vinha regressando de muito longe. Sorriu depois.

-- Que arranjaste? -- perguntou.

-- Ceia -- respondeu o rapaz. -- Vamos ter ceia.

-- Não tenho grande fome.

-- Anda comer. Não se pode pescar sem comer.

-- Eu tenho pescado -- disse o velho, levantando-se, pegando no jornal e dobrando-o. Começou depois a dobrar o cobertor.

-- Deixa-te ficar de cobertor -- recomendou o rapaz. -- Não hás-de pescar sem comer, enquanto eu for vivo.

-- Pois então trata de viver muito tempo -- disse o velho.

-- Que vamos comer?

-- Feijão e arroz, banana frita, e carne.

O rapaz trouxera tudo do Terraço, numa marmita dupla, de metal. As facas, os garfos e as colheres vinham na algibeira, o talher para cada um embrulhado num guardanapo de papel.

-- Quem te deu isto?

-- Martin. O dono.

-- Tenho de lhe agradecer.

Eu já agradeci -- disse

o rapaz. -- Não precisas de agradecer.

-- Hei-de dar-lhe a carne fina de um peixe graúdo. Já fez isto por nós mais que uma vez?

-- Acho que sim.

-- Então tenho de lhe dar mais ainda. Pensa muito em nós.

-- E mandou duas cervejas.

-- Gosto mais de cerveja de lata.

-- Bem sei. Mas esta é Hatuey, de garrafa, e levo outra vez as garrafas.

-- Muito obrigado -- disse o velho. -- Se comêssemos?

-- Tenho estado a pedir-te -- respondeu o rapaz, delicadamente. -- Não queria abrir a marmita, enquanto não estivesses pronto.

Já estou pronto. Só precisava de tempo para me lavar.

Onde te lavaste?, pensou o rapaz. O chafariz da aldeia era duas ruas abaixo. Tenho de ter aqui água para ele, e sabão e uma boa toalha. Porque sou tão distraído? Tenho de lhe arranjar outra camisa e um casaco para o Inverno e uns sapatos e outro cobertor.

-- A tua carne é excelente -- disse o velho.

-- Conta-me do "baseball" - pediu o rapaz.

-- Na Liga Americana são os Yankees, como eu disse --

declarou o velho com satisfação.

-- Hoje, perderam -- observou o rapaz.

-- Isso nada significa. O grande DiMaggio é sempre o mesmo.

-- Têm outros homens no grupo.

-- É claro. Mas a diferença está nele. No outro campeonato, entre Brooklyn e Filadélfia, escolho Brooklyn. Mas então penso em Dick Sisler e nos outros.

-- Nunca houve ninguém como eles. O Dick apanha a bola mais comprida que jamais vi.

-- Lembras-te de quando ele costumava vir ao Terraço? Eu queria levá-lo comigo à pesca, mas tinha tanta vergonha de lhe pedir... Depois pedi-te que lhe pedisses, e tu também tiveste vergonha.

-- Bem sei. E foi uma grande tolice. Podia ter ido com a gente. E teríamos tido isso para a vida inteira.

-- Gostava de levar o grande DiMaggio à pesca -- disse o velho. -- Dizem que o pai dele era pescador. Talvez tenha sido pobre como nós e percebesse.

-- O pai do grande Sisler nunca foi pobre e jogava, com a minha idade, nos grandes

campeonatos.

-- Quando eu era da tua idade, ia de marujo num navio rumo à África e vi leões nas praias ao anoitecer.

-- Bem sei. Já me contaste.

-- Falamos de África ou de "baseball"?

-- "Baseball", acho eu -- respondeu o rapaz. -- Conta-me do grande John J. McGraw.

-- Em tempos idos, também costumava aparecer pelo Terraço.

Mas era bruto, duro de falas e tinha mau vinho. E trazia a cabeça tão cheia de cavalos como de "baseball". Andava sempre com listas de cavalos na algibeira e muitas vezes dizia nomes de cavalos ao telefone.

-- Era um grande chefe -- disse o rapaz. -- Meu pai acha que ele era o maior.

-- Porque vinha cá muito -- respondeu o velho. -- Se Durocher tivesse continuado a vir para cá todos os anos, o teu pai acharia que era ele o maior.

-- E quem é de verdade o maior, o Luque ou o Mike Gonzalez?

-- Acho que são iguais.

-- E o melhor pescador és tu.

-- Não. Sei de outros melhores.

-- *Qué va* -- disse o rapaz. -- Há muitos pescadores bons e alguns dos grandes. Mas tu és só tu.

-- Obrigado, alegras-me muito. Espero que não apareça por aí um peixe tão grande que nos desminta a ambos.

-- Não há tal peixe, se ainda és tão forte como dizes.

-- Posso não ser tão forte como julgo -- disse o velho. --

Mas sei muitas manhas e tenho força de vontade.

-- Devias ir para a cama, para estares bem disposto pela manhã. Eu levo as coisas ao Terraço.

-- Então, boa noite. Pela manhã, acordo-te.

-- És o meu despertador -- disse o rapaz.

-- E a idade é o meu -- disse o velho. -- Porque acordam tão cedo os velhos? É para terem mais comprido o dia?

-- Não sei. O que eu sei é que os rapazes pequenos ferram no sono até tarde.

-- Bem me lembro -- concordou o velho. -- Eu acordo-te a tempo.

-- Não gosto que ele me acorde. É como se eu fosse um inferior.

-- Eu sei.

-- Dorme bem, velhote.

O rapaz saiu. Haviam comido na mesa, às escuras, e o velho tirou as calças e meteu-se na cama. Enrolou as calças para fazerem de travesseiro, metendo o jornal dentro delas.

Enrolou-se ele próprio no cobertor para dormir sobre os outros jornais velhos que cobriam o colchão de arame.

Não tardou que estivesse a sonhar com a África, quando era rapaz, e as extensas praias douradas, e as praias brancas, tão brancas que faziam doer os olhos, e os cabos alterosos e as grandes montanhas escuras. Vivia ao longo da costa todas as noites agora, e em sonhos ouvia o estrondo da ressaca e via as canoas nativas deslizarem por ela. Cheirava o alcatrão e a estopa do convés, a dormir, e cheirava o cheiro da África, que a brisa de terra pela manhã trazia.

Em geral, quando cheirava a brisa de terra, acordava e vestia-se para ir acordar o rapaz. Mas, esta noite, o cheiro da brisa de terra viera muito cedo, e em sonhos soube que era ainda cedo e continuou a sonhar para ver as brancas alturas das Ilhas a erguerem-se do mar, e sonhou depois com os diferentes portos e ancoradouros das Ilhas Canárias.

Já não sonhava com tempestades, nem com mulheres, nem com grandes acontecimentos, nem com grandes peixes, nem com lutas, nem com provas de força, nem com sua mulher.

Sonhava apenas com lugares e os leões na praia. Brincavam quais gatos pequenos no escuro, e gostava deles como gostava do rapaz. Com o rapaz nunca sonhava. Acordou, olhou pela porta para a lua, desenrolou as calças e enfiou-as. Urinou fora da choupana e foi estrada acima para acordar o rapaz.

Tiritava ao frio da manhã. Mas sabia que tiritaria até aquecer, e que daí a pouco estaria a remar.

A porta da casa onde o rapaz vivia não estava trancada, e abriu-a e avançou silenciosamente com os pés descalços. O

rapaz dormia numa maca na sala de entrada, e o velho via-o claramente à luz, que entrava, da lua a pôr-se. Agarrou-lhe delicadamente num pé e segurou-o até o rapaz acordar e se voltar e

olhar para ele. O velho fez um aceno de cabeça, e o rapaz tirou as calças da cadeira ao pé da cama e, sentado na cama, enfiou-as.

O velho saiu a porta e o rapaz veio atrás dele. Estava ensonado, e o velho passou-lhe o braço pelo ombro e disse: -- Desculpa.

-- *Qué va* -- respondeu o rapaz. -- É o que cabe a um homem.

Desceram o caminho até à choupana do velho, e pela estrada fora, no escuro, homens descalços se moviam, acarretando os mastros dos seus barcos.

Quando chegaram à choupana do velho, o rapaz pegou no cesto das linhas e no arpão e no croque, e o velho levava ao ombro o mastro com a vela enrolada.

Queres café? - perguntou o rapaz.

-- Vamos pôr a palamenta no barco e depois tomamos café.

Tomaram café em latas de leite condensado, numa tasca que abria para os pescadores.

-- Que tal dormiste, meu velho? -- perguntou o rapaz. Agora é que ia acordando, embora lhe custasse a largar o sono.

-- Muito bem, Manolin -- respondeu o velho. Sinto-me hoje com confiança.

-- Também eu. E agora vou arranjar-te as sardinhas, mais as minhas e a tua isca fresca. É que é ele quem traz a palamenta. Nunca quer que lhe tragam nada.

-- Somos diferentes -- disse o velho. -- Deixo-te trazer coisas, desde os teus cinco anos.

Bem sei -- disse o rapaz. -- Volto já. Toma outro café.

Aqui fiam à gente.

Saiu, descalço pelos rochedos coralíferos, a caminho do frigorífico onde eram guardadas as iscas.

O velho bebeu devagar o seu café. Era quanto comeria o dia inteiro, e sabia que precisava de o tomar. Havia muito tempo que o maçava comer, e nunca levava merenda. Na proa do barco tinha uma garrafa de água, e de mais não precisava.

O rapaz voltou com as sardinhas e as iscas embrulhadas num jornal, e desceram até ao

esquife, sentindo debaixo dos pés a areia com seixos, e pegaram no esquife e meteram-no ao mar.

-- Boa sorte, meu velho.

-- Boa sorte -- respondeu o velho. Enfiou as amarrações de corda dos remos nos toletes e, debruçando-se contra a resistência das pás na água, começou a remar nas trevas para fora do porto. Havia barcos de outras praias saindo para o mar, e o velho ouvia-lhes o mergulhar e o impulso dos remos embora não pudesse vê-los, com a lua já posta atrás dos montes.

Às vezes, num barco alguém falava. Mas a maior parte dos barcos ia silenciosa, à excepção do mergulhar dos remos.

Dispersaram-se, uma vez chegados à embocadura do porto, e cada qual aproou à parte do oceano em que esperava encontrar peixe. O velho sabia que ia muito para o largo, e deixou para trás o cheiro de terra e remou para o lavado e matinal cheiro do oceano. Via a fosforescência dos sargaços do Golfo na água, ao remar por sobre aquela parte que os pescadores chamam "o grande poço" e era uma súbita fossa de setenta braças onde se congregava toda a espécie de peixes arrastados pelo redemoinho da corrente contra a abrupta parede do fundo do oceano. Havia aí concentrações de camarões e de peixes de isca e, às

vezes, bandos de calamares nas cavidades mais fundas, e estes subiam à noite até à superfície onde todos os peixes comiam neles.

No escuro o velho sentia a manhã que vinha, e remando ouvia o som trémulo dos peixes-voadores a sair da água e o silvo que as asas tesas faziam quando eles cortavam as trevas.

Gostava muito dos peixes-voadores, seus dilectos amigos no oceano. Dos pássaros tinha pena, em especial das andorinhas-do-mar, escuras, delicadas, pequenas, que andavam sempre a voar e a olhar e a quase nunca encontrar nada, e pensava: "As aves têm uma vida mais dura do que a nossa, à excepção das de rapina e das muito fortes. Porque há pássaros tão delicados e finos como essas andorinhas, quando o oceano pode ser tão cruel? É gentil e muito belo. Mas sabe ser tão cruel, e sê-lo tão de súbito, que tais pássaros que voam e mergulham à caça, com as suas vozinhas tristes, são demasiado delicados para o mar".

Sempre pensava no mar como *la mar*, que é o que o povo lhe chama em espanhol, quando o ama. Às vezes, aqueles que gostam do mar dizem mal dele, mas sempre o dizem como se ele fosse mulher. Alguns dos pescadores mais novos, os que usam bóias por flutuadores e têm barcos a motor, comprados quando os fígados de tubarão davam muito dinheiro, dizem *el mar*, que é masculino. Falavam dele como de um antagonista, um lugar, até um inimigo. Mas o velho sempre pensava no mar como feminino, como algo que entrega ou recusa favores supremos, e, se tresvariava ou fazia maldades era porque não podia deixar de as fazer. A lua influi no mar como as mulheres, pensava ele.

Remava vigorosamente, o que não constituía um esforço para ele, visto que mantinha o andamento, e a superfície do oceano estava chã, com apenas ocasionais redemoinhos da corrente.

Deixava que a corrente fizesse um terço do trabalho, e ao começar a ser dia viu que já ia mais longe do que esperava ir àquela hora.

"Andei nos fundões uma semana, e nada, pensou. Pois vou hoje para onde vogam os cardumes de bonitos e albacoras, e talvez por lá apareça um dos grandes".

Antes de ser dia claro, já ele tinha deitado as linhas e ia à deriva na corrente. Uma isca estava a quarenta braças. A segunda a setenta e cinco, e a terceira e a quarta estavam na água azul profunda a cem e a cento e vinte e cinco braças. As iscas pendiam de cabeça para baixo, com o corpo do anzol bem amarrado dentro do peixe; e a parte saliente do anzol, a curva e a ponta, estava coberta de sardinhas frescas. As sardinhas estavam enfiadas pelos olhos e eram assim como que uma grinalda no ferro saliente. Não havia uma porção de anzol que a um peixe graúdo não cheirasse bem e não soubesse melhor.

O rapaz havia-lhe dado duas pequenas "tunas" ou albacoras frescas, que como pesos pendiam das duas linhas mais profundas, e, nas outras, tinha ele um grande enxarreu e um chicharro que já haviam servido, mas estavam ainda em bom estado e as excelentes sardinhas lá lhes davam perfume e atractivo. Cada linha, da grossura de um lápis grande, estava montada numa cana, de modo que qualquer puxão ou toque no anzol logo faria a cana vergar, e cada linha tinha dois tambores de quarenta braças que podiam ser atados às reservas, a ponto de, se necessário, um peixe poder levar consigo mais de trezentas braças de linha.

E o homem observava as três canas à borda do esquife, e remava devagar para manter as linhas direitas e nas profundidades convenientes. Já era dia e de um momento para o outro nasceria o sol.

O sol ergueu-se levemente do mar, e o velho distinguia os outros barcos ao rés do horizonte e muito para terra, dispersos na corrente. Depois, o sol tornou-se mais resplandecente e o brilho veio sobre as águas, e depois, ao erguer-se de todo, o mar chão atirou-lhe o reflexo aos olhos e cegou-lhos, e remou pois sem olhar mais. Debruçou a vista para a água e observou as linhas que desciam direitas para a sombra profunda. Como ninguém ele as mantinha direitas, de modo a haver em cada nível das trevas da corrente uma isca exactamente aonde ele desejava que ela estivesse à espera de um peixe que por aí nadasse. Outros as deixavam ir à deriva na corrente, e às vezes estavam a sessenta braças quando os pescadores as julgavam a cem.

"Mas, pensou, eu aguento-as com precisão. O que já não tenho é sorte. Quem sabe? Talvez a tenha hoje. Cada dia é um novo dia. É preferível ter sorte. Mas eu prefiro ser exacto.

Assim, quando a sorte vem, está-se pronto para ela".

O sol subira mais duas horas, e os olhos já se não doíam tanto de olhar para o oriente. Havia só três barcos à vista, muito na linha do horizonte e na direcção de terra.

"Durante a vida inteira o sol nascente me fez mal aos olhos, pensou. Contudo, ainda são dos bons. + tarde, sou capaz de o olhar a direito sem ficar a ver negro. + tarde é mais forte. Mas pela manhã magoa".

Nesse momento, viu um petrel com as longas asas negras, a voltear no céu à frente dele. A ave

caiu subitamente, picando com as asas recuadas, e voltou depois a voar em círculo.

-- Arranjou alguma coisa -- disse o velho em voz alta. --

Não está só à procura.

Remou devagar, com firmeza, para onde o pássaro pairava.

Não se apressava e mantinha as linhas em posição. Mas forçava um pouco a corrente, e pescava ainda correctamente, embora mais depressa do que pescaria, se não estivesse a tentar servir-se da ave.

Esta elevou-se no ar e pairou de novo, de asas imóveis.

Depois mergulhou repentinamente, e o velho viu peixes-voadores saltarem da água e voarem desesperadamente sobre a superfície.

-- Delfins -- disse alto o velho. -- Delfins dos grandes.

Embarcou os remos e tirou da proa uma pequena linha. Tinha uma guia de arame e um anzol de tamanho médio, e o velho iscou-o com uma das sardinhas. Deitou-o pela borda fora e amarrou-o a um anel à ré. Iscou a seguir outra linha, que deixou ficar na sombra da proa. Voltou aos remos e a observar o pássaro negro, de longas asas, que pairava agora ao lume de água.

Enquanto o observava, a ave mergulhou com as asas recuadas, e depois bateu-as furiosamente e sem resultado na perseguição aos peixes-voadores. O velho bem via a ligeira saliência que na água os delfins erguiam atrás dos peixes fugitivos. Os delfins cortavam as águas sob o voo dos peixes e estariam em grande velocidade onde eles caíssem. É um grande bando de delfins, pensou. Vão dispersos e os peixes-voadores têm poucas probabilidades. O pássaro não tem nenhumas. Os peixes-voadores são grandes demais para ele e demasiado velozes.

Viu os peixes-voadores saltarem e tornarem a saltar e os movimentos ineficazes da ave. "Esse bando afasta-se de mim --

pensou. Vão muito depressa e para muito longe. Mas talvez eu apanhe uns desgarrados e talvez que o meu peixe graúdo ande à volta deles. O meu peixe graúdo há-de estar nalguma parte".

As nuvens por cima de terra erguiam-se agora como serranias, e a costa era apenas uma longa linha verde com os montes azuis-cinzentos por detrás. A água era agora de um azul-escuro, tão escuro que era quase púrpura. Ao olhar para o interior das águas via o vermelho peneirar do plâncton nas águas sombrias e a estranha luz que o sol fazia. Observava as linhas, para vê-las sumir-se da vista pela água abaixo, e sentia-se feliz por ver tanto plâncton, o que significava peixe. A estranha luz do sol nas águas, com o sol já mais alto, queria dizer bom tempo, e o mesmo dizia a forma das nuvens sobre a terra. Mas o pássaro estava quase a perder-se ao longe, e nada aparecia à superfície das águas senão alguns sargaços amarelos e queimados do

sol, e a purpurínea, pomposa, iridescente, gelatinosa vela de um argonauta flutuando junto do barco. Deitou-se de lado e depois endireitou-se. E flutuava consoladamente como uma bolha, com os seus longos e mortais filamentos cor de púrpura vogando um metro atrás na água.

-- *Agua mala* -- disse o homem. -- P...

De onde se inclinava ligeiramente contra os remos, olhou para dentro da água e viu os pequeninos peixes, que eram coloridos como os filamentos do argonauta e nadavam entre estes e sob a pequena sombra que o balão fazia indo à deriva.

Eram imunes ao veneno. Mas os homens não o eram, e quando alguns filamentos vinham na linha e nela ficavam, frágeis e purpuríneos, enquanto o velho lidava um peixe, aparecer-lhe-iam borbulhas e inflamações nos braços e nas mãos, daquelas que as plantas venenosas podem causar. Mas estes venenos da *agua mala* são rápidos e ferem como uma chicotada.

As bolhas iridescentes eram belas. Mas eram a coisa mais falsa do mar, e o velho gostava de ver as grandes tartarugas marinhas comerem-nas. As tartarugas, mal as viam, aproximavam-se pela frente, fechavam os olhos para ficarem completamente carapaçadas, e

comiam-nas com filamentos e tudo. O velho gostava de ver as tartarugas comerem-nas, e gostava de as pisar na praia após um temporal e de ouvi-las estalar quando as calcava com as plantas calejadas dos seus pés.

Gostava das tartarugas verdes e das bico de falcão com a sua elegância, a sua ligeireza, a sua grande coragem, e sentia um amigável desprezo pelas feias e estúpidas caretas, de armadura amarela, estranhas na cópula, e comendo consoladamente e de olhos fechados os argonautas.

Não nutria misticismo acerca das tartarugas, embora tivesse andado muitos anos na pesca delas. Faziam-lhe pena todas, mesmo as maiores, tão grandes como o esquife e pesando uma tonelada. A maior

parte das pessoas é impiedosa para com as tartarugas, porque o coração delas bate horas e horas, depois de arrancado e esquartejado. "Mas, pensava o velho, também o meu coração é assim, e como os delas são os meus pés e as minhas mãos". E

comia os brancos ovos para que lhe dessem força. Comia-os em Maio para, em Setembro e Outubro, ter força para o peixe graúdo.

Bebia também um copo de óleo de fígado de tubarão, todos os dias, no armazém onde

muitos dos pescadores guardavam a palamenta. Havia-o lá para aqueles que o quisessem. A maior parte deles detestava-lhe o sabor. Mas não era pior do que levantar-se um homem à hora a que eles se levantavam, e fazia muito bem aos resfriamentos e gripes, e era bom para os olhos.

O velho ergueu o olhar, e viu que o pássaro continuava a adejar.

•

Deu com peixe -- disse em voz alta. Nenhum peixe-voador rasgava a superfície, e não havia redemoinhos de peixe miúdo. Mas, enquanto observava, um atum saltou no ar, volteou e caiu de cabeça na água. Brilhou como prata ao sol, e logo após ter voltado às águas, outro e outro saltaram, e por todos os lados pulavam, fazendo ferver a água e espinoteando em longos saltos atrás do peixe de isca. Cercavam-no e levavam-no.

"Se não vão muito depressa, apanho-me no meio deles", pensou o velho, e observava o cardume branqueando de espuma as águas e o pássaro já mergulhando em pleno peixe miúdo que o pânico forçava a vir à superfície.

-- O pássaro é uma bela ajuda -- disse o velho. Nesse momento, a linha da popa retesou-se-lhe debaixo do pé, sob o qual segurava uma volta dela, e largou os remos e sentiu o peso do tremente esforço de um pequeno atum, ao segurar firmemente a linha e começar a puxá-la. O tremor aumentava à medida que ia puxando, e distinguia bem os lombos azuis do peixe na água e o dourado dos flancos, antes de o atirar por sobre a borda para dentro do barco. O animal ficou à popa, ao sol, maciço e em forma de bala, com os olhos grandes e sem inteligência muito arregalados, enquanto ia gastando a vida contra o tabuado do barco, em rápidas e trémulas pancadas da cauda ágil e elegante. O velho, por bondade, deu-lhe uma pancada na cabeça, e com um pontapé atirou-lhe com o corpo ainda palpitante para a sombra da popa.

-- Albacora... -- disse alto. -- Dá uma bela isca. Pesa para aí uns cinco quilos.

Não se recordava já de

quando começara a falar em voz alta, se andava só. Nos bons tempos, andando sozinho, cantava, e cantara às vezes de noite, quando ficava só, de quarto ao leme, nos veleiros ou na pesca da tartaruga. Provavelmente, principiara a falar sozinho em voz alta, quando o rapaz deixara de o acompanhar.

Mas não se lembrava. Quando ele e o rapaz pescavam juntos, em geral falavam só quando era necessário. Falavam de noite, ou quando iam levados pelo temporal, se havia mau tempo. Era considerado uma virtude não falar inutilmente no mar, e o velho sempre assim considerara e respeitava o uso. Mas agora pensava em voz alta muitas vezes, desde que não vinha com ele quem quer que pudesse aborrecer-se.

-- Se os outros me ouvissem falar alto, haviam de julgar que eu estava doido -- disse. -- Mas, como não estou doido, não me ralo. E os ricos têm nos barcos rádios que lhes falam e lhes dão as notícias do "baseball".

"Não é altura de pensar no "baseball". É tempo de pensar numa só coisa. Aquela para que nasci. Podia andar um dos grandes à volta deste cardume. O que eu apanhei dos que estão a comer foi um tresmalhado. Mas vão entretidos e depressa.

Tudo o que hoje me aparece à superfície vai depressa e para nordeste. Será da hora? Ou

algum sinal do tempo que eu não conheça?"

Já não via a verdura da costa e apenas os topes das montanhas azuis que pareciam brancas como se tivessem neve, e as nuvens sobre elas, como altas montanhas nevadas. O mar estava muito escuro, e a luz irisava-se nas águas. O sol alto anulava as miríades de pontos do plâncton, e só aos grandes prismas profundos na água azul agora ele via com as linhas descendo na água que tinha uma milha de profundidade.

Os atuns, como os pescadores chamavam a todos os peixes da espécie "tuna", que só distinguiam pelos nomes próprios quando vinham vendê-los ou trocá-los por iscas, os atuns haviam-se sumido. O sol estava quente, e o velho sentia-o no cachaço, como sentia o suor correr-lhe pelas costas abaixo, ao remar.

"Podia ir à deriva, pensou, e dormir e dar uma volta de linha num dedo de um pé, que me acordava. Mas hoje faz oitenta e cinco dias, e devo pescar como deve ser."

Nesse preciso instante, observando as linhas, viu uma das canas verdes dobrar-se subitamente.

-- Sim -- disse. -- Sim -- e embarcou os remos sem tocar no barco. Estendeu a mão para a linha, e segurou-a delicadamente entre o polegar e o indicador da mão direita. Não sentiu tensão nem peso, e segurava muito ao de leve a linha.

Novamente veio. Desta vez, um puxão a tentear, nem firme, nem pesado, e o velho sabia exactamente o que era. A cem braças, um peixe graúdo estava a comer as sardinhas que cobriam a ponta e o corpo do anzol onde o anzol feito à mão se projectava da cabeça da pequena "tuna".

O velho segurava delicadamente a linha, e cuidadosamente, com a mão esquerda, soltou-a da cana. Podia assim deixá-la correr entre os dedos, sem que o peixe sentisse qualquer oposição.

"Este das profundas, é mês de estar no bom tamanho, pensou.

Come-as, peixe. Come-as. Faze favor de as comer. Como estão frescas, e tu a seiscentos pés, nas trevas, nessa água fria.

Dá outra volta no escuro e volta a comer nelas".

Sentiu o ligeiro e delicado puxão, e depois um puxão mais forte, quando a cabeça da sardinha teria custado mais a arrancar do anzol. Depois, mais nada.

•

Anda -- disse alto o velho. -- Dá uma volta. Cheira-as. Pois não são boas? Come nelas, que ainda há a tuna.

Tesa e fresca e saborosa. Não te acanhes, peixe. Come.

Esperou com a linha entre o polegar e o dedo, observando-a e às outras linhas, porque o peixe podia ascender ou afundar-se mais nas águas. Houve então o mesmo delicado toque.

-- Há-de morder -- disse o velho, em voz alta. -- Deus permita que ele morda.

Não mordera, todavia. Fora-se embora, e o velho nada sentia.

-- Não pode ter ido. Deus sabe que não pode. Está a dar uma volta. Talvez já tenha engolido um anzol, e ainda se lembre um pouco.

Sentiu de novo o suave puxão, e ficou feliz.

-- Tinha dado a sua volta. Há-de cair.

Sentir o puxão ligeiro era uma felicidade, e de repente sentiu algo incrivelmente pesado. Era o peso do peixe, e deu linha, linha, linha, recorrendo às duas pilhas de reserva.

Enquanto ela descia, deslizando levemente entre os dedos do velho, ainda sentia o grande peso, embora a pressão do polegar e do dedo fosse quase imperceptível.

-- Que peixe! Tem-na de esguelha na boca e vai-se com ela.

Há-de dar uma volta e engoli-la. Não dizia isto, por saber que, se se diz uma coisa boa, pode ela não acontecer. É que ele sabia que grande peixe aquele era, e imaginava-o afastando-se na treva, com a "tuna" atravessada na boca.

Nesse momento sentiu que ele parava, mas o peso mantinha-se. O peso aumentou; e largou mais linha. Apertou por instantes o polegar e o dedo, e o peso aumentava e ia para baixo.

-- Caiu. Deixá-lo comer à vontade.

Permitiu que a linha deslizasse entre os dedos, enquanto com a mão esquerda prendia a ponta das duas pilhas de reserva às reservas da outra linha. Estava preparado. Tinha agora três tambores de quarenta braças, além do que ia desenrolando-se.

-- Come mais um bocadinho. Come à vontade.

"Come, de maneira que o bico do anzol se te espete no coração e te mate, pensou. Vem para cima sossegado, que eu meto-te o arpão. Muito bem. Já acabaste? Estiveste à mesa o tempo que quiseste?"

•

Agora! -- exclamou, e deu um puxão a mãos ambas, recuperou uma jarda de linha, tornou a puxar, e outra e outra vez, atirando alternadamente cada braço à corda, com toda a força dos braços e o peso do corpo em alavanca.

Nada aconteceu. O peixe continuava a afastar-se devagar, e o velho não conseguia fazê-lo ascender uma polegada. A linha era forte, própria para peixe graúdo, e segurava-a contra as costas, tão tensa que gotículas de água saltavam dela.

Depois, a linha principiou a chiar baixinho nas águas, mas continuava a segurá-la, retesando-se contra o banco e deitado contra o sentido da força. O barco começou a vogar lentamente para noroeste.

O peixe movia-se com constância, e viajavam ambos pelas águas calmas. Os outros anzóis continuavam na água, mas nada havia a fazer.

Quem me dera agora o rapaz -- disse alto o velho. -- Vou a reboque de um peixe, e sou eu as abitas (1).

(1) Termo náutico: prisão de madeira a que se seguram as amarras (N. do T.)

Eu podia amarrar a linha, mas podia ele rebentá-la. Tenho de o segurar o mais que possa, e de lhe dar linha quando ele precisar. Graças a Deus que vai de longada e não mergulha.

"Que hei-de fazer, se ele decide mergulhar, não sei. Que hei-de fazer, se vai para o fundo e morre, não sei. Mas hei-de fazer alguma coisa. Há uma data de coisas que eu posso fazer".

Segurava a linha contra as costas, e observava o viés dela na água e o esquife movendo-se firmemente para noroeste.

"Isto há-de matá-lo, pensava o velho. Não pode continuar assim eternamente". Mas, quatro horas mais tarde, o peixe continuava a nadar para o largo, rebocando o esquife, e o velho estava ainda solidamente retesado com a linha pelas costas.

-- Era meio-dia, quando o apanhei. E nunca o vi.

O chapéu de palha, que enterrara na cabeça com força antes de anzolar o peixe, cortava-lhe agora a testa. Estava, além disso, cheio de sede, e pôs-se de joelhos e, com cuidado, para não fazer vibrar a linha, chegou-se quanto pôde à proa e estendeu uma das mãos para a garrafa de água. Abriu-a e bebeu um pouco.

Depois, descansou encostado à proa. Descansou sentado no mastro desarmado, e fez por não pensar, aguentar apenas.

Olhou então para trás, e viu que não havia terra à vista.

"Não tem importância, pensou. Posso sempre voltar guiado pelo clarão de Havana. Ainda há mais duas horas até o sol se pôr e talvez que ele venha ao cimo antes disso. Se não vier, talvez venha com a lua. Se também não vier, talvez venha com o nascer do sol. Não sinto cãibras e estou em forma. Quem tem o anzol na boca é ele. Mas que peixe, para puxar assim! Deve ter a

boca cerrada no fio. Quem me dera vê-lo. Quem me dera vê-lo, ao menos uma vez, para saber com quem tenho de me haver".

O peixe não mudou de andamento nem de direcção durante essa noite, tanto quanto pelas estrelas o homem avaliava. Depois de o sol se pôr, arrefeceu, e o suor do velho secou-lhe nas costas, nos braços e nas velhas pernas. Durante o dia, tirara o saco que cobria a caixa das iscas, e estendera-o a secar ao sol. Posto o sol, passou-o ao pescoço, por forma a que lhe descesse pelas costas, e cuidadosamente foi-o interpondo sob a linha que estava agora ao través dos ombros. O saco almofadava a linha, e o velho arranjara maneira de dobrar-se contra a proa, quase confortavelmente. A posição era, de facto, apenas um pouco menos intolerável; mas achava-a quase confortável.

"Nada lhe posso fazer, nem ele a mim, pensou. Pelo menos, enquanto ele continuar assim".

Uma vez, levantou-se e urinou pela borda fora, e olhou para os astros a verificar o rumo. A linha brilhava na água como uma fita fosforescente que lhe saísse dos ombros. Iam então mais devagar, e o clarão de Havana era menos intenso; a corrente levava-os, portanto, para leste. "Se perco o reflexo de Havana, é porque vamos mais para leste, pensou. Porque, se o rumo do peixe é certo, devia eu vê-lo por muitas mais horas. Que se passará com o "baseball" da 1.a divisão? Isto com um rádio é que era bom". E, a seguir, pensou: "Não te distraias. Pensa no que estás a fazer. Não faças alguma asneira".

Depois, em voz alta, disse: -- Quem me dera o rapaz! Para me ajudar e para ver isto.

"Ninguém devia estar só na velhice, pensou. Mas é inevitável. Tenho de me lembrar de comer a "tuna", antes de se estragar, para aguentar as forças. Lembra-te, por pouco que te apeteça, tens de a comer pela manhã". Lembra-te, repetiu de si para si.

Durante a noite, dois porcos marinhos vieram para junto do barco, e bem os ouvia espinoteando e bufando. Era capaz de diferençar o ruído assoprado que o macho fazia, e o sopro suspirado da fêmea.

-- São bons. Brincam e divertem-se e amam-se. São nossos irmãos como os peixes-voadores.

Depois, começou a sentir pena do grande peixe que apanhara.

"É maravilhoso e estranho, e quem sabe como será velho, pensou. Nunca apanhei um peixe tão forte, nem que se portasse tão estranhamente. Talvez não esteja disposto a saltar. Podia dar cabo de mim com um pulo ou uma correria desenfreada. Mas talvez já saiba o que é um anzol e que é assim que lhe convém lutar. Não pode saber que é um só contra ele, nem que é um velho. Mas que grande peixe! E, se a carne é boa, o que não dará no mercado! Mordeu a isca como um macho, é como um macho que puxa, e luta sem pânico algum.

Terá quaisquer planos, ou estará apenas tão desesperado como eu?"

Recordou-se da vez em que apanhara um peixe graúdo, de um casal. O macho deixa sempre a

fêmea comer primeiro, e a fêmea, apanhada no anzol, lutou desesperadamente, tomada de pânico, e depressa ficara exausta; e todo o tempo o macho estivera ao pé dela, cruzando a linha e dando voltas com a fêmea à superfície. Andara por tão perto, que o velho temera que ele cortasse a linha, com a cauda afiada como uma foice e quase do mesmo tamanho e forma. Quando o velho a agarrara com o croque e lhe dera uma marretada, segurando o estoque e batendo-lhe no alto da cabeça, até que a cor do peixe se tornara quase igual ao estanho dos espelhos, e depois, com o auxílio do rapaz, a içara para bordo, o macho ficara ao lado do barco. E então, enquanto o velho desenredava as linhas e preparava o arpão, o macho saltara muito alto fora de água, ao pé do barco, para ver onde estava a fêmea, e mergulhara profundamente, com as suas asas cor de alfazema, que eram as barbatanas peitorais, desfraldadas e todas as listras de alfazema a brilhar. Era belo, recordava o velho, e tinha ficado.

"Foi a coisa mais triste que já vi em peixes, pensou o velho. O rapaz também ficou triste, e então pedimos perdão à bicha e tratámos de a esquartejar logo".

-- Quem me dera aqui o rapaz! -- exclamou, e instalou-se nas pranchas recurvas da proa, a sentir a força do peixe na linha que lhe cruzava os ombros, do peixe que prosseguia firme o rumo que escolhera.

"Que uma vez, por traição minha, lhe foi necessário escolher, pensou o velho.

"Tinha escolhido permanecer nas águas fundas e sombrias, fora dos laços, das traições, dos engodos. E eu escolhi ir até lá ao encontro precisamente dele. Precisamente dele e de ninguém mais. E agora estamos unidos, e têmo-lo estado, desde o meio-dia. E ninguém pode ajudar-nos; a qualquer de nós".

"Talvez eu não devesse ser pescador, pensou. Mas foi para o que nasci. Não devo esquecer-me de comer a "tuna", antes de aclarar".

A certa altura, antes de romper o dia, alguém mordeu uma das iscas que estavam por trás dele. Ouviu o pauzinho partir-se e a linha principiar a correr na amurada do esquife. Na treva, abriu a navalha e, aguentando o esforço do peixe com o ombro esquerdo, inclinou-se para trás e cortou a linha contra a madeira da borda. Cortou, depois, a outra linha mais próxima e, no escuro, ligou as duas pontas dos tambores sobrantes. Trabalhava habilmente com uma mão só, e pôs o pé nas linhas de reserva para as segurar ao apertar os nós.

Tinha seis reservas. Duas de cada uma das iscas que abandonara, duas do anzol que o peixe mordera, ligadas todas.

"Quando for dia, pensou, hei-de puxar o anzol das quarenta braças e cortá-lo, para ligar o resto. Terei perdido umas duzentas braças de bom cordel catalão, mais os anzóis e os chumbos. Isso pode ser substituído. Mas quem substitui este peixe, se apanho outro que me corte a linha? Não sei o que era este peixe que mesmo agora mordeu. Poderá ter sido um tubarão, um espadarte. Nem cheguei a senti-lo. Tinha de me ver livre dele".

E, alto, disse: -- Quem me dera o rapaz.

"Mas não tens cá o rapaz. Só te tens a ti, e o melhor é meteres dentro a última linha às escuras ou às claras, e cortar o resto, e juntar as pontas".

Assim fez. Era difícil no escuro, e, certa vez, o peixe deu um sacão que o atirou de bruços e o fez cortar-se na cara, abaixo dos olhos. O sangue correu pela face, mas coagulou e secou antes de chegar ao queixo, e o velho arrastou-se para a proa e repousou contra a madeira. Ajustou o saco, e cuidadosamente

desviou a linha para outra parte dos ombros e, segurando-a contra estes, cautelosamente apreciou o esforço do peixe e, com a mão, a velocidade do esquife pelas águas.

"Porque terá dado ele este sacão, pensou. O fio deve ter escorregado na corcunda do dorso. Por certo que as costas dele não lhe doem como as minhas. Mas não pode ficar eternamente a rebocar o barco, por grande que seja. Agora estou livre de tudo que poderia atrapalhar, e tenho muita linha de reserva: é tudo quanto um homem pode querer".

-- Peixe! -- disse a meia voz. -- Hei-de ficar contigo até morrer.

"Também ele há-de ficar", pensou, e esperou pela luz do dia. Fazia frio, na hora antes do amanhecer, e encostou-se com mais força à madeira, para aquecer-se. "Posso aguentar como ele pode", pensou. Ao primeiro clarão do dia, a linha afastou-se e afundou-se na água. O barco seguia incessantemente, e a primeira fímbria do sol encontrou a linha no ombro direito do velho.

-- Vai de rumo ao norte -- disse o velho. "A corrente levar-nos-ia para leste, pensou. Quem me dera que ele se voltasse para ir na corrente. Isso mostraria que estava a cansar-se".

Quando o sol já ia mais alto, o velho verificou que o peixe se não cansara. Havia apenas um sinal favorável. A inclinação da linha mostrava que nadava a menor profundidade. O que não significava necessariamente que ele iria saltar. Mas podia.

-- Deus o faça saltar. Tenho linha de sobra para lhe dar.

"Talvez que, se eu aumentar só um poucochinho a tensão, o magoe e faça saltar, pensou. Agora, que é dia, que salte, para encher de ar os sacos ao longo da espinha e não poder ir ao fundo quando morrer".

Tentou aumentar a tensão, mas a linha fora esticada a ponto de rotura, desde que ele apanhara o peixe, e, ao encostar-se para a puxar, sentiu-lhe a dureza e viu que não podia tendê-

la mais. "Nem devo mexer-me, pensou. De cada vez que me mexo, alargo o golpe que o anzol faz, e depois, quando ele saltar, atira com o anzol fora. Seja como for, com sol é melhor, e ao menos não preciso estar a ver o que acontece".

Havia na linha algas amarelas, mas o velho sabia que apenas eram como que uma fateixa suplementar, e até ficou contente.

Eram os sargaços do Golfo que tanta fosforescência haviam dado de noite.

-- Peixe -- disse. -- Amo-te e respeito-te muito. Mas hei-de matar-te, antes de o dia acabar.

"Esperemos que sim", pensou.

Um pequeno pássaro veio do norte em direcção ao esquife.

Era uma toutinegra e voava rente às águas. O velho bem via que estava muito cansada.

O pássaro veio à popa do barco, onde pousou. Depois, voou em torno da cabeça do velho, e pousou na linha, onde se sentia mais comodamente.

-- Que idade tens? -- perguntou-lhe o velho. -- É a tua primeira viagem?

O pássaro fitou-o, enquanto ele lhe falava. Estava tão cansado que nem examinava a linha, e tremia nas delicadas patas enclavinhadas nela.

-- Está tesa, tesa demais -- disse o velho. -- Não devias estar tão cansado, depois de uma noite sem vento. No que estarão dando os pássaros?

"Os falcões, pensou, que saem ao largo, ao encontro deles".

Mas nada disto disse ao pássaro, que de resto não sabia entendê-lo e não tardaria a aprender quem os falcões eram.

-- Repousa à vontade, passarito. E, depois, vai, e vive a tua vida, como os homens, os pássaros e os peixes.

Deu-lhe coragem a conversa,

porque as costas haviam ficado dormentes de noite e lhe doíam, agora, de verdade.

-- Fica em minha casa, se preferes, ó pássaro. Tenho pena de não poder içar a vela e levar-te com a aragem que se está levantando. Mas estou com um amigo.

Nesse momento, o peixe deu um puxão súbito, que atirou o velho para o fundo da proa, e tê-lo-ia levado pela borda fora, se não se houvesse agarrado e não tivesse largado mais linha.

O pássaro levantara voo ao estremecer a linha, e o velho nem o vira ir-se embora. Com a mão direita, apalpou cautelosamente a linha, e reparou que a mão tinha sangue.

-- Feriu-se nalguma coisa -- disse em voz alta, e puxou a linha, para ver se conseguia desviar o peixe. Mas, ao atingir o ponto de rotura, segurou-a firmemente e repôs-se aguentando a

tensão do fio.

-- Agora bem a sentes, peixe. E Deus bem sabe que eu também.

Olhou em volta, procurando o pássaro, pois lhe agradaria a companhia dele. O pássaro desaparecera.

"Não te demoraste muito, pensou o homem. Mas, para onde vais, mais perto da costa, é pior. Como deixei eu que o peixe me cortasse, com este puxão súbito que deu? Estou a ficar muito estúpido. Ou talvez estivesse a olhar para o passarito e a pensar nele. Pois vou prestar atenção ao meu trabalho, e tenho de comer a "tuna", para que as forças me não faltem".

-- Quem me dera que o rapaz aqui estivesse, e que eu tivesse sal -- exclamou.

Passando o peso da linha para o ombro esquerdo e ajoelhando cuidadosamente, lavou a mão no oceano e manteve-a mergulhada, vendo o sangue afastar-se em fios e o movimento regular das águas contra a mão, no deslizar do barco.

-- Vais mais devagar.

O velho teria gostado de conservar mais tempo a mão na água salgada, mas temia outro sacão brusco do peixe, e endireitou-se, passou os braços no banco, e pôs a mão ao sol. Era apenas uma esfoladela da linha, que o cortara até à carne. Mas era na parte útil da mão. E sabia que, antes do fim, precisaria das mãos, e não gostava de se ver cortado antes daquilo principiar.

-- E agora -- disse, quando a mão secou -- vou comer a "tuna". Posso puxá-la com o gancho e comê-la aqui recostado.

Ajoelhou e, com o gancho, puxou o peixe até ele, evitando as linhas arrumadas. E, segurando a linha outra vez com o ombro esquerdo, e firmando-se com a mão e o braço esquerdo, tirou o peixe do gancho e pôs o gancho no seu lugar.

Assentando um joelho no peixe, arrancou tiras de carne vermelha-escura, longitudinalmente, da base da cabeça até à cauda. Eram tiras em forma de cunha, e tirou-as de junto à espinha dorsal até ao pé da barriga. Depois de ter arrancado seis tiras, estendeu-as na madeira da popa, limpou a navalha nas calças e, pegando na carcaça do peixe pela cauda, atirou-a pela borda fora.

-- Não me parece que consiga comer uma inteira -- disse, e cortou uma das tiras com a navalha. Sentia o permanente e forte impulso da linha e a mão esquerda dormente, tesa na pesada corda. Fitou-a com desprezo.

Que espécie de mão é esta?... Pois dorme, se te apraz.

Enclavinha-te. Não te serve de nada.

"Anda", pensou, e mergulhava o olhar na água escura, seguindo a inclinação da linha. "Come, que darás força à mão.

A culpa não é dela, e há muitas horas que seguras o peixe.

Mas isto não há-de durar sempre. Trata de comer".

Pegou num pedaço, que meteu na boca e mastigou devagar. Não era desagradável.

Mastiga bem, pensou, que não te escape um suco. Não seria mau, com um pouco de limão ou sal.

-- Como te sentes, mão? -- perguntou à mão dormente quase com uma rigidez como a da morte.

-- Vou comer mais, em tua intenção.

Comeu a outra parte do pedaço que cortara em duas.

Mastigou-a cuidadosamente e, no fim, cuspiu a pele.

-- Então que tal, mão? Ou ainda não se sabe nada?

Pegou noutro pedaço, inteiro, que mastigou.

"É peixe de sangue forte, pensou. Foi uma sorte ser este e não delfim. Delfim é carne fraca. Este conserva a força toda".

"Não faz sentido não se ser prático. Quem me dera ter sal.

Como não sei se o sal secará ou tornará podre o que me resta, o melhor é comer tudo, apesar de não ter fome. O peixe está calmo e vai certo. Como tudo, e fico pronto para tudo".

Tem paciência, mão

-- disse. -- Faço isto por ti.

"Quem me dera dar de comer ao peixe, pensou. É meu irmão.

Mas tenho de o matar, e para isso preciso de forças". Devagar e conscienciosamente, comeu todas as tiras de peixe.

Endireitou-se, limpando a mão às calças.

-- E agora -- exclamou -- podes largar a corda, mão, que eu aguento isso só com o braço direito, até te deixares de asneiras. -- Pôs o pé esquerdo na linha, que a mão esquerda segurara, e fez força contra a tensão nas costas.

-- Deus permita que a cãibra passe, porque não sei o que o peixe vai fazer.

"Parece sossegado, pensou, e que segue o seu plano. Mas que plano será? E o meu, qual é? O meu, tenho eu de o improvisar segundo o dele, porque ele é muito grande. Se saltar, posso matá-lo. Mas fica-se para sempre. Pois ficarei com ele para sempre".

Esfregou a mão dormente contra as calças, e tentou mexer os dedos. Mas a mão não se abria. "Talvez abra com o sol, pensou. Talvez abra, quando estiver digerido o peixe cru e forte. Se eu tiver de a abrir, abro-a, custe o que custar.

Mas não quero agora forçá-la a abrir-se. Que se abra por si, que volte a si à sua vontade. Depois do que a usei e abusei durante a noite, quando foi preciso soltar e ligar as várias linhas". Alongou os olhos pelo mar, e notou como estava só.

Mas distinguia os prismas na água profunda e sombria e a linha estendendo-se adiante e a estranha ondulação da calmaria. As nuvens amontoavam-se ante os alísios, e, olhando em frente, viu um bando de patos bravos desenhando-se contra o céu, acima das águas, depois esborratando-se, desenhando-se outra vez, e reconheceu que o homem nunca está só no mar.

Pensou em como alguns homens temem perder a terra de vista, indo num pequeno barco, e sabia quanta razão eles tinham, nos meses de repentino mau tempo. Mas agora era o tempo dos furacões e, quando não há furacões, os meses de furacões são os melhores do ano.

"Se há furacão, a gente, andando no mar, vê os sinais dele no céu, muitos dias antes. Em terra ninguém vê, porque não se sabe que distinguir. A terra há-de também influir na forma das nuvens. Mas não está para vir nenhum furacão".

Olhou para o céu e viu os brancos cúmulos erguendo-se como simpáticos barquinhos de gelado e, altas por cima, estavam as finas penas dos cirros contra o vasto céu de Setembro.

-- Brisa ligeira -- disse. -- Tempo melhor para mim do que para ti, ó peixe.

A mão esquerda continuava adormecida, mas conseguia abri-la gradualmente.

"Detesto uma cãibra, pensou. É uma traição do nosso próprio corpo. É humilhante ter diarreia diante dos outros, envenenado pela ptomaína, ou vomitá-la. Mas uma cãibra -- e, ao pensar, dizia *calambre* -- humilha-nos particularmente quando estamos sós".

"Se o rapaz aqui estivesse, esfregava-me a mão por mim, e friccionaria desde o antebraço, pensou. Mas há-de abrir-se de todo".

Nisto, com a mão direita sentiu o esticão na linha, antes de ver na água a inclinação alterar-se. Curvou-se contra a linha e bateu com a mão, depressa e forte, na anca, e viu a linha a elevar-se devagar.

-- Vem para cima! -- exclamou. -- Anda, mão. Por favor, anda.

A linha subia devagar e firme, e então a superfície do oceano arqueou à frente do barco, e o peixe apareceu.

Apareceu interminavelmente, e dos lombos lhe escorria água.

Brilhava ao sol, e a cabeça e o dorso eram púrpura escura, e ao sol as listras nos lados eram largas e cor de alfazema. O

dardo era do tamanho de uma pá de "Baseball" e em forma de florete. Saiu a todo o comprimento fora de água e voltou a ela, suavemente, como um nadador, e o velho viu a grande foice da cauda afundar-se e a linha começar a correr.

-- É dois pés mais comprido que o esquife -- disse o velho. A linha corria depressa, mas regularmente, e o peixe não estava assustado. O velho procurava com ambas as mãos manter a linha dentro da tensão de rotura. Sabia que, se não conseguia retardar o peixe com uma pressão firme, o peixe era capaz de levar a linha toda e rebentá-la.

"É um grande peixe, e tenho de o convencer, pensou. Não devo deixá-lo nunca tomar conhecimento da sua própria força, nem do que poderia fazer se corresse. Se eu estivesse no lugar dele, jogava o tudo por tudo, até que alguma coisa rebentasse. Mas, graças a Deus, não são tão inteligentes como nós, que os matamos, embora sejam mais nobres e mais capazes".

O velho vira muito peixe graúdo. Vira muitos que pesavam mais de quinhentos quilos, e pescara já dois dessa envergadura, mas nunca só. E agora, só, sem terra à vista, estava amarrado ao maior peixe que jamais vira, maior do que jamais ouvira, e a mão esquerda continuava enclavinhada como as garras de uma águia.

"Há-de abrir-se, pensou. Não há-de deixar de se abrir, para ajudar a mão direita. Há três coisas que são irmãs: o peixe e as minhas duas mãos.

Tem de abrir-se. É indecente estar assim". O peixe abrandara o andamento, voltara à velocidade habitual.

"Porque terá ele saltado?, pensou o velho. Saltou quase que para me mostrar como era grande. Seja como for, já sei. Quem me dera poder mostrar-lhe que homem eu sou. Mas era capaz de ver a mão dormente. É melhor ele julgar que sou mais homem do que sou, e assim serei. Quem me dera ser o peixe, com tudo o que ele tem, só contra a minha vontade e a minha inteligência".

Instalou-se confortavelmente contra a madeira, e aceitou o sofrimento tal qual vinha, e o peixe nadava firmemente, e o barco ia devagar na água escura. Estava a levantar-se um pouco de mar, trazido pelo vento leste, e ao meio-dia a mão esquerda do velho voltara a si.

-- Más notícias, peixe -- disse, e acomodou a linha no saco que lhe cobria os ombros.

Sentia-se bem, mas sofria, embora não admitisse que sofria.

-- Não sou religioso. Mas vou dizer dez Padre-Nossos e dez Ave-Marias, para que apanhe este peixe, e prometo ir em peregrinação à Virgem de Cobre, se o apanhar. Isto é promessa.

Começou a dizer mecanicamente as orações.

Às vezes estava tão cansado que não se lembrava da oração, e tinha de as dizer depressa, para que saíssem automaticamente.

E pensou: as ave-marias são mais fáceis de dizer que os padre-nossos.

-- Avé Maria, cheia de Graça, o Senhor é convosco. Bendita sois Vós entre as mulheres, bendito é o fruto do Vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte. ¦men. -- E, depois, acrescentou: -- Santa Virgem, roga pela morte deste peixe. Apesar de ele ser maravilhoso.

Ditas as orações, sentindo-se muito melhor, mas sofrendo exactamente na mesma, ou talvez um pouco mais, recostou-se na madeira da proa e começou, mecanicamente, a mexer os dedos da mão esquerda.

O sol estava quente, embora estivesse a levantar-se levemente uma brisa.

•

O melhor é eu iscar essa linhazita pendurada à popa.

Se o peixe decide passar mais outra noite, hei-de precisar de comer, e a água é pouca na garrafa. Não me parece que apanhe por aqui mais que um peixito. Mas, se o comer bem fresco, não cairá mal. Quem me dera que, esta noite, me saltasse para bordo um peixe-voador. Mas não tenho luz

para os atrair. Um peixe-voador cru é excelente, e não tinha de o arranjar, pois preciso poupar as forças. Deus meu, não supunha que ele fosse tão grande!

-- Mas hei-de matá-lo. Em toda a sua magnificência e glória.

"Embora seja injusto, pensou. Mas hei-de mostrar-lhe do que um homem é capaz e o que pode aguentar".

-- Eu disse ao rapaz que era um velho estranho. Agora, cumpre-me prová-lo.

O milhar de vezes em que o provara nada valia. Estava a prová-lo mais uma vez. De cada vez era a primeira, e, ao fazê-lo, nunca pensava no passado.

"Quem me dera que ele dormisse, para eu poder dormir e sonhar com os leões, pensou. Porque é que só me restam os leões? Não penses, velhote. Descansa, encostado agradavelmente à madeira, e em nada penses. Ele está a trabalhar. Trabalha tu o menos que puderes".

A tarde ia avançando, e o barco continuava a mover-se devagar e com firmeza. Mas havia um esforço a mais para o peixe, que era a brisa de leste, e o velho cavalgava suavemente a breve ondulação, e a dor da corda nas costas vinha aceitável, suportável.

Certa vez, à tarde, a linha principiou de novo a subir. Mas o peixe apenas continuou a nadar a um nível ligeiramente mais alto. O sol batia no ombro e no braço esquerdo do velho, e nas suas costas. E assim soube que o peixe virara de rumo a nordeste.

Agora que já o vira uma vez, era capaz de imaginar o peixe a nadar nas águas, com as purpúreas barbatanas peitorais abertas como asas, e a grande cauda erecta cortando a treva.

"Verá ele muito a essa profundidade?, pensou o velho. Os olhos dele são enormes, e um cavalo, com muito menos olho, é capaz de ver no escuro. Em tempos, era eu capaz de ver bem no escuro. Não na treva absoluta. Mas quase como um gato vê".

O sol e o movimento firme dos dedos haviam despertado agora por completo a mão esquerda; começou a transferir parte do esforço para ela, e contraiu os músculos das costas para mudar um pouco a dor da corda.

-- Se não estás cansado, peixe -- disse alto --, deves ser muito estranho.

Sentia-se ele muito cansado, e sabia que a noite já não tardava, e procurou pensar noutras coisas. Pensou no campeonato -- para ele as *Gran Ligas* -- e sabia que os Yankees de Nova York estavam a jogar com os Tigres de Detroit.

"É o segundo dia de que não sei o resultado dos *juegos*, pensou. Mas preciso de ter confiança e devo ser digno do grande DiMaggio que tudo faz perfeitamente, mesmo com a dor da espora de osso no calcanhar. O que será espora de osso?

Una espuela de hueso. Nós não temos disso. Será tão doloroso como a espora de um galo de combate no calcanhar?

Acho que eu não era capaz de suportar isso, ou a perda de um olho, ou dos dois olhos, e continuar a lutar como os galos de combate. O homem não vale muito ao pé dos grandes pássaros e animais. Mais me valia ser esse bicho na treva do mar".

-- A menos que apareçam tubarões -- disse alto. -- Se os tubarões aparecem, Deus se compadeça dele e de mim.

"Julgas que o grande DiMaggio seria capaz de ficar com um peixe tanto tempo como eu com este? Tenho a certeza de que seria, e mais, pois que é jovem e forte. O pai dele era pescador. Mas a espora doer-lhe-ia muito?"

-- Não sei -- concluiu em voz alta. -- Foi coisa que nunca tive.

Ao pôr-se o sol recordou, para ganhar mais confiança, a vez em que, na taberna de

Casablanca, jogara forças com o negralhão de Cienfuegos, que era o homem mais forte das docas. Tinham passado um dia euma noite, com os cotovelos na linha traçada a giz na mesa, os antebraços erguidos e as mãos apertadas uma na outra. Cada qual tentava forçar a mão do outro a chegar à mesa. Houvera muitas apostas, e a gente entrava e saía da sala, à luz do petróleo, e ele fitava o braço e a mão e a cara do negro. Mudavam os juízes de quatro em quatro horas, passadas as primeiras oito, para os juízes poderem dormir. O sangue rebentou das unhas das mãos do negro e das suas, e ambos se fitavam nos olhos e às mãos e aos antebraços, e os que apostavam entravam e saíam da sala, sentavam-se a ver, em cadeiras encostadas à parede. As paredes estavam pintadas de azul claro e eram de madeira, e os candeeiros projectavam nelas as sombras. A sombra do negro era imensa, e movia-se na parede, ao sopro da brisa nas chamas.

As apostas mudavam pela noite adiante; e ao negro davam "rum" e a ele acendiam cigarros. O negro, depois do "rum", tentava um esforço tremendo, e uma vez ia levando o velho, que não era então um velho mas Santiago *El Campeón*, quase três polegadas para fora do equilíbrio. Mas o velho levantara outra vez a mão. E tinha a certeza de que o negro, que era um belo homem, grande atleta, estava vencido. Ao romper do dia, quando os espectadores reclamavam que o desafio fosse anulado e o juiz abanava a cabeça, desencadeara um esforço que forçara a mão do negro, mais e mais, e mais, até pousar na madeira. O desafio começara num domingo de manhã e acabara na manhã de segunda-feira. Muitos dos que apostavam reclamavam a suspensão, porque tinham de ir para o trabalho nas docas, na estiva de sacos de açúcar ou na Havana Coal Company. De outro modo, todos teriam querido que fosse até ao fim. Mas ele tinha acabado, e antes de todos irem para o trabalho.

Por muito tempo depois disso todos lhe chamavam O Campião, e houvera uma desforra na Primavera. Mas não tinha sido apostado muito dinheiro, e ele ganhara sem dificuldade, uma vez que, no primeiro encontro, destruíra a confiança do negro de Cienfuegos. Depois, ainda tivera uns desafios; e depois, mais nenhum. Decidira que podia vencer a qualquer, se tal desejasse muito; e decidira que aquilo lhe avariava a mão direita para a pesca. Ainda tentara uns jogos de treino com a mão esquerda. Mas a mão esquerda tinha sido sempre traiçoeira e não fazia nunca o que ele lhe exigia, e não confiava nela.

"O sol há-de agora pô-la boa, pensou. Não há-de tornar a ficar assim, a menos que de noite faça muito frio. Sempre quero ver o que acontecerá esta noite".

Um aeroplano passou sobre ele, rumo a Miami, e o velho seguiu-lhe com os olhos a sombra, que assustava cardumes de peixes-voadores.

•

Com tanto peixe-voador, devia haver delfins -- disse, e apoiou-se na linha, a ver se era possível conseguirganhar sobre o seu peixe. Mas não conseguiu, e a linha foi só até ao retesado e à vibração gotejante que precede o rebentar. O barco avançava devagar, e o velho ficou-se a olhar o aeroplano até o perder de vista.

"De aeroplano, deve ser muito estranho, pensou. Que parece o mar, visto daquela altura? Deviam poder ver o peixe, se não voassem tão alto. Gostaria de voar muito de vagar a duzentas braças de altura e ver o peixe de cima. Nos barcos que andam à tartaruga, eu ia nas vergas do mastro de vante, e já dessa altura via muito. Daí, os delfins parecem mais verdes, e vêem-se-lhes as listas e as malhas purpuríneas, e vê-se o cardume todo a nadar. Porque será que todos os peixes rápidos das águas profundas têm dorsos de púrpura, e em geral riscas ou malhas de púrpura? O delfim parece verde, é claro que por ser dourado. Mas, quando vem para comer, cheio de fome, a púrpura aparece nos costados, como ao peixe graúdo. Será fúria ou a velocidade maior, o que faz aquilo aparecer?"

Antes de escurecer, ao passarem por uma grande ilha de sargaços, que arfava e balouçava na ondulação, como se o mar estivesse possuindo alguém sob um cobertor amarelo, na linha pequena mordeu um delfim. Viu-o, quando ele pulou no ar, dourado de verdade ao sol que se sumia, e recurvando-se e espadanando desesperadamente o ar. Saltou e tornou a saltar na acrobacia do medo, e o velho arrastou-se para a popa e, segurando a grande linha com a mão e o braço direitos, alou o peixe com a mão esquerda, de cada vez pondo o pé descalço na linha recuperada. Quando o peixe estava junto da popa, espinoteando desenfreadamente, o velho debruçou-se e levantou sobre a popa o peixe dourado com as suas malhas purpuríneas.

As queixadas agitavam-se convulsivamente em dentadas precipitadas no anzol, e no fundo do esquife batiam o longo corpo achatado, a cauda e a cabeça, até que ele lhe deu na rebrilhante e dourada cabeça, e o peixe estremeceu e ficou quieto.

O velho tirou o anzol, pôs-lhe uma nova sardinha, e tornou a deitá-lo pela borda fora. Depois, arrastou-se devagar até ao fundo da proa outra vez. Lavou a mão esquerda e limpou-a nas calças. Mudou a pesada linha da mão direita para a esquerda, e lavou a mão direita no mar, enquanto fitava o sol a mergulhar no oceano e a inclinação da grande linha.

-- Não mudou nada -- disse. Mas, ao observar o movimento da água contra a mão, notou que era perceptivelmente mais lento.

-- Hei-de pôr os remos atravessados à popa, para o retardar durante a noite. Está bom para a noite, e eu também.

"Seria melhor abrir o delfim mais tarde, para não perder o sangue, pensou. Posso fazer isso um pouco depois e, nessa altura, pôr os remos de través para fazerem de âncora flutuante. É melhor deixar o peixe sossegado por agora, e não o incomodar muito ao pôr do sol. O sol-posto é sempre uma hora difícil para os peixes todos".

Depois de seca a mão ao ar, agarrou na linha com ela e abandonou-se o mais que podia, permitindo que o seu corpo fosse puxado contra a madeira, para que o barco suportasse o esforço tanto ou mais do que ele.

"Já estou a aprender, pensou. Pelo menos esta parte. E

lembra-te de que ele não comeu, desde que engoliu a isca, e que é grande e de muito comer. Comi o bonito inteiro. Amanhã, comerei este. -- Chamava-lhe *dorado*. -- Talvez que eu devesse comer um bocado, depois de o arranjar. Será mais difícil de comer que o bonito. Mas nada há que seja fácil".

-- Como vai a vida, peixe? -- perguntou alto. -- Eu sinto-me bem, a mão esquerda está melhor, e tenho comida para uma noite e um dia. Puxa o barco, peixe.

Não se sentia verdadeiramente bem, porque a dor da corda nas costas quase ultrapassara a dor e se transformara numa dormência que não o enganava. "Mas tenho passado por piores coisas, pensou. A minha mão tem só um pequeno golpe, e a cãibra largou a outra. As pernas estão bem. Também o ganhei na questão de aguentar".

Já estava escuro, porque, em Setembro, escurece depressa, depois do sol-pôr. Encostado à madeira gasta, repousava quanto podia. As primeiras estrelas surgiam. Não sabia o nome da Rígel, mas via-a, e sabia que não tardariam a aparecer todas e que teria em breve todas as suas amigas distantes.

-- Também o peixe é meu amigo -- disse em voz alta. --

Nunca vi nem ouvi falar de um peixe assim.

Mas tenho de o matar. Agrada-me pensar que não temos de matar as estrelas.

"Ora imagina, pensou, que um homem devia todos os dias ver se matava a lua. A lua foge. Mas imagina que um todos os dias teria de ver se matava o sol? Nascemos com muita sorte".

Sentiu depois pena do grande peixe, que nada tinha de comer, e a sua determinação em matá-lo não contrariava a pena que sentia. "A quantas pessoas dará de comer?, pensou. Mas são elas dignas de o comer? Não, claro que não. Não há ninguém digno de o comer tal é o seu comportamento, a sua grande dignidade".

"Não compreendo estas coisas, pensou. Mas é bom que a gente não tenha de ver se mata o sol, a lua ou as estrelas. Basta vivermos no mar e matarmos os nossos irmãos".

"Ora eu tenho de pensar na âncora. Tem os seus perigos e as suas vantagens. Posso perder tanta linha, que perca o peixe, se ele faz força e se os remos estão em posição e o barco perde a leveza. A leveza do barco é que prolonga o nosso sofrimento, mas é a minha salvação, uma vez que ele possui uma velocidade maior que ainda não usou. Aconteça o que acontecer, tenho de arranjar o *dorado*, para não se estragar, e de o comer, para ter forças".

"Agora vou descansar mais uma hora e ver se ele está firme, antes de ir à popa fazer o trabalho e decidir. Entretanto, verei como ele se comporta e se dá mostras de mudar de atitude. Os remos são uma boa ideia; mas trata-se de jogar pelo seguro! Ele ainda é peixe, e vi-lhe o anzol no canto da boca e ele tem andado de boca bem fechada. O castigo do anzol não é nada. Mas o da fome, e o de sentir-se contra o que não entende, isso é tudo. Repousa, meu

velhote, deixa-o trabalhar até que chegue a tua vez".

Repousou durante o que supôs duas horas. A lua agora não surgia senão mais tarde, e não tinha modo de avaliar o tempo.

Nem, em boa verdade, estava ele repousando. Continuava a aguentar com os ombros o puxão do peixe, mas pôs a mão esquerda na amurada e confiou da resistência ao peixe mais ao próprio esquife.

"Como seria simples, se eu pudesse prender a linha, pensou.

Mas um pequeno sacão podia rebentá-la. Tenho de amortecer o sacão com o meu corpo, e de estar sempre pronto a dar linha com ambas as mãos".

-- Mas tu ainda não dormiste, velho -- exclamou.

-- Passa de meio dia e uma noite e já outro dia, que não dormes. Tens de arranjar maneira de dormir um pouco, se ele vai seguro e calmo. Se não dormes, podes ficar sem ideias claras.

"Tenho as ideias claras, pensou. Claras demais. Tão claras como as estrelas que são minhas irmãs. Mas preciso de dormir.

Elas dormem, e a lua e o sol dormem, até o oceano dorme às vezes, em certos dias, quando não há corrente e a calma é estanhada".

"Mas lembra-te de dormir. Obriga-te a isso, e arranja uma maneira simples e segura de aguentar as linhas. E agora trata de preparar o *dorado*. É muito perigoso pôr os remos a servir de fateixa, se tens de dormir".

"Podia passar sem dormir, disse consigo. Mas seria muito perigoso".

Principiou a pôr-se em movimento para a popa, de gatas, com cuidado, para não sacudir o peixe. "Pode ele estar meio a dormir, pensou. Mas eu não quero que ele repouse. Tem de puxar até morrer".

De volta à popa, voltou-se por forma a que a mão esquerda mantivesse passada aos ombros a tensão da linha, e tirou a faca da bainha com a mão direita. As estrelas brilhavam, via o *dorado* claramente, e

enfiou-lhe a lâmina na cabeça e puxou-o de debaixo da popa.

Pôs-lhe um pé em cima e abriu-o até à beira do maxilar inferior. Depois, levou abaixo a navalha e estripou-o com a mão direita, limpando-o e pondo a descoberto as guelras.

Sentiu nas mãos escorregadio e pesado papo, e abriu-o. Havia dentro dois peixes-voadores. Estavam frescos e duros, e pô-

los lado a lado, e deitou pela borda fora as tripas e as guelras. Desceram na água, deixando um rasto fosforescente. O

peixe estava frio e de um branco cendrado à luz das estrelas, e o velho escamou-lhe um lado, enquanto mantinha o pé direito na cabeça dele. Depois, voltou-o e escamou o outro lado, e cortou cada um dos lados, desde a cabeça à cauda. Atirou a carcaça fora e ficou a ver se havia algum redemoinho na água.

Mas havia apenas o clarão da lenta descida. Virou-se, colocou os dois peixes-voadores entre os dois filetes do peixe e, guardando a navalha, regressou lentamente ao seu lugar. As costas curvavam-se ao peso da linha, e na mão direita trazia o peixe.

Regressando, pousou os dois filetes na madeira e os dois peixes-voadores ao lado. Depois, acomodou a linha em novo sítio das costas e segurou-a outra vez com a mão esquerda pousada na amurada. Debruçou-se na borda e lavou os peixes-voadores na água, notando a velocidade desta contra a mão. A mão estava fosforescente do escamar do peixe, e ele observava a corrente

de água contra ela. A corrente era menos forte e, ao esfregar o lado da mão contra o costado do esquife, partículas fosforescentes flutuavam à deriva, devagar, para a ré.

-- Está cansado ou a repousar -- disse o velho. -- Agora, toca a comer o peixe e a repousar também e dormir um pedaço.

Sob as estrelas, com a noite a arrefecer, comeu metade de um dos pedaços do *dorado* e um dos peixes-voadores, estripado e sem cabeça já.

-- Que excelente peixe é o *dorado* para comer cozinhado. E

que miserável comido cru. Nunca mais me meto num barco, sem sal ou sem limão.

"Se eu tivesse cabeça, teria durante o dia borrifado a popa, para a água secar e deixar o sal, pensou. Mas não apanhei o *dorado* senão quase ao pôr do sol. Em todo o caso, foi imprevidência. Mas mastiguei-o bem, e não estou agoniado".

O céu enevoava-se a leste, e uma após outra iam desaparecendo as estrelas que ele conhecia. Era como se agora se movesse num grande desfiladeiro de nuvens, e o vento caíra.

-- Daqui a três ou quatro dias, vai haver mau tempo --

disse. -- Mas não esta noite, nem amanhã. Põe-te a dormir, meu velho, enquanto o peixe está sossegado.

Segurou com força a linha na mão direita, e depois encostou a anca à mão, lançando o peso do corpo contra a madeira da proa. Passou então a linha um pouco mais para baixo e retesou nela a mão esquerda.

"Enquanto tiver a linha em volta, a minha mão direita é capaz de a aguentar. Se se distrai a dormir, a mão esquerda acordar-me-á a tempo de agarrar a linha. Para a mão direita é duro. Mas é questão de hábito. Mesmo que eu durma vinte minutos ou meia hora, já é bom". Deitou-se para diante, firmando-se com todo o corpo, e com todo o peso deste sobre a mão direita, e adormeceu.

Não sonhou com os leões, mas com um imenso bando de porcos-marinhos, que se estendia por oito a dez milhas e estava na época do cio; davam altos pulos no ar e voltavam ao mesmo buraco que haviam aberto na água ao saltar.

Sonhou depois que estava na aldeia, na cama, e havia nortada, e tinha muito frio e o braço direito dormente porque pousara sobre ele a cabeça e não num travesseiro.

A seguir, começou a sonhar com a longa praia amarela, e viu o primeiro leão descer a ela ao cair do crepúsculo, e depois vieram os outros leões, e ele estava de queixo assente na madeira da proa, lá onde o navio estava ancorado, com a brisa da tarde, a vir de terra e ele à espera a ver se apareciam mais leões e sentiu-se feliz.

A lua nascera havia muito tempo mas ele continuava a dormir e o peixe a puxar regularmente e o barco prosseguindo pelo túnel de nuvens.

Acordou com o sacão do seu punho direito contra a cara e a linha a arder-lhe a mão. Não sentia a mão esquerda mas travou quanto pôde com a direita, e a linha corria. Por fim, a mão esquerda encontrou a linha, e ele fez força com o corpo para trás, e agora queimava-lhe as costas e a mão esquerda, e esta suportava o esforço todo, que violentamente a cortava. Olhou para trás para os tambores de linha, que se desenrolavam com ligeireza. Nesse momento o peixe saltou, espadanando o oceano, e caiu pesadamente. Saltou mais uma e outra vez, e o barco deslizava rápido, apesar de a linha continuar a correr, e o velho ia elevando a tensão até à rotura, e elevando novamente e uma vez mais. Havia sido atirado contra a proa, tinha a cara no filete de *dorado* e não podia mexer-se.

"Era por isto que esperávamos, pensou. Toca a aguentar".

"Que a linha lhe custe faz com que a linha lhe custe cara".

Não podia ver os saltos do peixe, apenas ouvia o estalar do oceano e o pesado espadanar da queda. A velocidade da linha cortava-lhe terrivelmente as mãos, mas sempre soubera que tal aconteceria, e tentava manter a linha nas partes calosas, não a deixar passar na palma ou nos dedos.

"Se o rapaz aqui estivesse, molharia as voltas da linha, pensou. Sim. Se o rapaz cá estivesse. Se o rapaz cá estivesse".

A linha ia correndo sempre, abrandando já, e o velho fazia o peixe pagar cara cada polegada. Levantou da madeira a cabeça, retirando-a do pedaço de peixe que a face esmagara. A seguir, estava de joelhos e, depois, lentamente, de pé. Cedia linha, mas de cada vez mais devagar.

Recuou até de onde podia com o pé sentir as reservas de linha, que não via. Havia ainda muita linha, e o peixe tinha de vencer também o atrito da muita linha dentro de água.

"Sim, pensou. E, agora, já ele saltou mais de uma dúzia de vezes e encheu de ar os sacos ao longo das costas, e não pode descer para morrer lá de onde não posso trazê-lo para cima.

Não tarda que comece a andar à volta, e então tenho de puxar por ele. O que o terá excitado tão subitamente? Seria a fome o que o desesperou, ou assustou-se com alguma coisa na noite?

Talvez, de repente, tenha sentido medo. Mas era um peixe tão forte e tão calmo, parecia tão destemido e tão seguro de si!

É estranho".

-- É melhor, meu velho, que sejas tu destemido e seguro de ti -- disse. -- Estás outra vez a aguentá-lo, mas não recuperas linha. Mas não tarda que ele comece a andar à roda.

O velho segurava com a mão esquerda e os ombros, e debruçou-se e apanhou água na concha da mão direita para tirar da cara o peixe esmagado. Tinha medo de se agoniar, de vomitar e de perder a força. Depois de lavar a cara, meteu a mão na água e deixou-a ficar na água salgada, enquanto fitava o primeiro claror que antecede o nascer do sol. Vai de rumo quase a leste, pensou. O que significa que está cansado e vai com a corrente. Não tarda, terá que andar à volta. E então começa o nosso trabalho".

Quando lhe pareceu que a mão direita estivera tempo suficiente na água, retirou-a e olhou para ela.

Não está mal. E a dor não abate um homem.

Pegou na linha cuidadosamente, para que ela não calhasse em nenhum dos golpes recentes, e mudou a posição do esforço, para poder meter a mão esquerda na água, do outro lado do esquife.

-- Para uma coisa sem dignidade, não te portaste muito mal -- disse à mão esquerda. -- Mas um momento houve em que não te encontrava.

"Porque não nasci eu com duas mãos boas? Talvez seja minha a culpa, por não ter treinado esta devidamente. Mas Deus sabe que ela teve bastantes oportunidades de aprender. Não se portou muito mal de noite, apesar de tudo, e só uma vez teve cãibras. Se tornar a ter, que a corte a linha".

Quando pensou isto, viu que não estava a pensar claramente, e achou que devia mastigar um bocado mais do *dorado*. "Mas não posso, disse de si para si. É melhor andar com a cabeça no ar, do que enjoar e perder a força. E bem sei que não me aguentava, se o comesse, depois de ter tido a cara metida nele. Guardo-o para uma emergência, até que vá estragar-se.

Mas já é tarde demais para tratar das forças com comida. És estúpido, disse consigo. Come o outro peixe-voador".

Ali estava, arranjado e pronto, e pegou nele com a mão esquerda e comeu-o, chupando as espinhas e comendo tudo até à cauda.

"É mais alimentício que quase todos os peixes, pensou.

Pelo menos, a espécie de força de que eu preciso. Agora já fiz o que podia. Ele que comece às voltas, e vamos à luta".

O sol nascia pela terceira vez, desde que ele saíra para o mar, quando o peixe começou às voltas.

Não podia pela inclinação da linha ver que o peixe começara a andar em círculo. Ainda era cedo para isso. Apenas sentia uma ligeira relaxação na linha, e principiou a puxá-la devagar com a mão direita. A linha retesava-se, como sempre, mas, quando ele atingiu o ponto a partir do qual ela rebentaria, começou a vir. Tirou os ombros e a cabeça de sob a linha, e puxou devagar e com firmeza. Fazia uso de ambas as mãos, num movimento balanceado, e tentava puxar também com o corpo e as pernas, quanto podia. As suas velhas pernas e os ombros rodavam no balanço de puxar.

-- É uma volta muito grande -- disse. -- Mas anda à volta.

Depois, a linha não vinha mais, e esticou-a até ver as gotas saltarem ao sol. A linha então fugiu com força, e o velho até ajoelhou e de má vontade deixou-a regressar à água escura.

•

Está a percorrer a parte mais afastada do seu círculo.

E pensou: há que segurar com quanta força tenho. A tensão encurtará de cada vez o círculo. Talvez daqui a uma hora eu o veja. Por agora, preciso de o convencer e, depois, de o matar.

Mas o peixe continuava a descrever vagarosamente o seu círculo, e o velho estava encharcado em suor e exausto até à medula dos ossos, duas horas mais tarde. Os círculos, porém, eram já mais curtos, e pela forma como a linha se inclinava, bem se via que o peixe, enquanto nadava, se elevava constantemente.

Durante uma hora estivera o velho a ver malhas negras diante dos olhos, e o suor ardia-lhe nos olhos e no golpe na testa. Das malhas negras não tinha ele medo. Eram normais, à tensão a que ele estava a puxar a linha. Duas vezes, porém, sentiu-se a desmaiar e a entontecer, e isso afligiu-o.

-- Não podia ir-me abaixo e morrer com um peixe como este -

- disse. -- Agora que o tenho a vir tão lindamente, Deus permita que eu aguente. Hei-de dizer cem Padre-Nossos e cem Ave-Marias. Mas não os posso dizer agora.

"Considera-os como ditos, pensou. Eu digo-os depois".

Nesse momento, sentiu uma súbita pancada e um sacão na linha, que segurou com as mãos ambas. Sacão violento, áspero, pesado.

"Está a bater no chumbo com o dardo, pensou. Isto tinha de acontecer. Ele havia de fazer isto. Pode é fazê-lo saltar, e eu antes queria que ele se ficasse por agora às voltas. Os saltos eram necessários para ele tomar ar. Mas, depois de cada um, a abertura da ferida feita pelo anzol alargará, e ele pode livrar-se".

-- Não saltes, peixe. Não saltes.

O peixe atacou o arame várias vezes, e, de cada vez que sacudia a cabeça, o velho dava-lhe um pouco de linha.

"Tenho de manter-lhe a dor no grau em que está, pensou. A minha não importa. A minha domino eu. Mas a dele pode enlouquecê-lo".

Tempo depois, o peixe parou de bater no arame, e começou de novo a descrever um círculo. O velho recuperava agora constantemente linha. Mas sentiu-se outra vez a desmaiar.

Apanhou água com a mão esquerda e atirou-a à cabeça. Depois, com mais, friccionou a nuca.

-- Não tenho cãibras. Não tarda que ele venha ao cimo, e eu resisto. Tens de resistir. Nem sequer fales nisso.

Ajoelhou contra a proa e, por um momento, passou mais uma vez a linha pelas costas. "Descanso, enquanto ele dá a volta por fora, e depois levanto-me e puxo-o, quando ele vier por dentro", decidiu.

Era uma grande tentação descansar na proa e deixar o peixe descrever por sua conta um círculo, sem recuperar linha. Mas, quando a tensão mostrou que o peixe ia na volta a passar de frente para o barco, o velho pôs-se de pé e iniciou o balancear e puxar de dobadoura que o fez recuperar a linha que o peixe ganhara.

"Estou mais cansado do que nunca, pensou, e levanta-se o vento. Mas é bom para o puxar. Preciso imenso do vento".

"Descanso na próxima volta, quando ele for para fora - disse. -- Sinto-me muito melhor. Depois, mais duas ou três voltas, e tenho-o comigo.

O chapéu de palha estava caído para a nuca, e o velho abateu-se na proa com o sacão da linha, quando o peixe começou a voltar.

"Trabalha tu, peixe. Espero-te na volta".

O mar engrossara consideravelmente. Era, porém, uma brisa de bom tempo, e precisava dela para regressar.

-- Farei rumo a sudoeste -- disse. -- Um homem nunca se perde no mar, e a ilha é muito comprida.

Foi na terceira volta que viu o peixe.

Viu-o primeiro como uma negra sombra que levou tanto tempo a passar sob o barco, que não pode crer no comprimento.

Não -- exclamou. -- Não pode ser tão grande.

Mas era assim grande; e, no fim dessa volta, veio à superfície a umas trinta jardas apenas, e o homem viu-lhe a cauda fora de água. Era mais alta do que uma grande foice e cor de alfazema pálida, acima de água azul-escura. Ao passar mesmo abaixo da superfície, o velho via-lhe o imenso bojo e as listras de púrpura que o enfaixavam. A barbatana dorsal estava retraída mas as peitorais, medonhas, abertas de par em par.

Nesta volta, o velho viu o olho do peixe e dois peixes-ventosas, cinzentos, que nadavam à sua volta. Às vezes, agarravam-se a ele. Outras, disparavam para longe. Outras ainda, nadavam serenamente na sombra do grande. Tinham mais de três pés de comprido e ao nadarem depressa, chicoteavam com o corpo todo, como enguias.

O velho suava, mas por outra causa além do sol. Em cada volta calma e plácida que o peixe dava, recuperava linha, e tinha a certeza de que, com mais duas voltas, teria oportunidade de se servir do arpão.

"Mas preciso dele bem perto, perto, perto, pensou. Não devo apontar à cabeça. Preciso de acertar no coração".

"Tem calma e força, velho" -- disse.

Na volta seguinte, o dorso do peixe estava de fora, mas ainda um pouco afastado do barco. Na outra volta, continuava demasiado afastado, mas mais fora de água, e o velho teve a certeza de que, ganhando mais linha, o conseguiria pôr ao lado do esquife.

Já muito antes preparara o arpão, cuja corda fina estava numa cesta redonda, com a ponta amarrada às abitas da proa.

O peixe aproximava-se na sua volta, calmo e belo à vista, apenas movendo a grande cauda. O velho puxou-o quanto pôde, para o trazer para mais perto. Por um instante, o peixe deitou-se um pouco de lado. Logo se endireitou e principiou outra volta.

-- Fi-lo mexer! -- exclamou o velho. -- E é que fiz.

Sentiu-se de novo a desmaiar, mas segurou no grande peixe com quanta força pôde. "Mexi-o, pensou. Talvez que desta vez o apanhe. Puxem, mãos. Aguentem, pernas. Cabeça, não me falhes. Não me falhes. Nunca me falhaste. Desta vez, apanho-o".

Mas, quando empregou a fundo o seu esforço, começando muito antes de o peixe estar ao pé do barco, aquele voltou-se, endireitou-se, e nadou para longe.

-- Peixe! -- disse o velho. -- Peixe! Seja como for, tu vais morrer. Precisas também de me matar?

"Assim não se consegue nada", pensou. A boca, muito seca, não o deixava falar, mas não podia chegar à água. "Já não aguento muitas mais voltas. Sim, aguentas, disse consigo.

Aguentas como nunca".

Na volta seguinte, quase o apanhou. Mas mais uma vez o peixe se endireitou e nadou devagar para longe.

"Tu estás a matar-me, peixe, pensou o velho. Mas tens todo o direito. Nunca vi uma coisa maior, ou mais bela, ou mais serena ou mais nobre do que tu, meu irmão. Vem e mata-me. Não quero saber qual de nós mata".

"Agora estás tu a perder a cabeça, pensou. E não deves perder a cabeça. Não a percas, e aprende a sofrer como um homem. Ou como um peixe".

-- Reanima-te, cabeça -- disse numa voz que mal ouvia. --

Reanima-te.

Duas vezes mais aconteceu o mesmo.

"Não sei", pensou o velho. Estivera a ponto de sentir-se morrer, de cada vez. "Não sei. Mas torno a tentar".

Tornou a tentar, e sentiu-se esmorecer, quando voltou o peixe. O peixe endireitou-se, e afastou-se outra vez, lentamente, com a grande cauda balouçando no ar.

"Torno a tentar", prometeu o velho a si próprio, embora nem sentisse as mãos e apenas visse por lampejos.

Tentou de novo, e foi o mesmo. "Pois é", pensou, e sentia-se desfalecer, antes de principiar; "hei-de tornar a tentar".

Convocou toda a sua dor, quanto lhe restava de forças, e o seu orgulho perdido, e tudo lançou

contra a agonia do peixe, e o peixe veio rente à borda e nadou mansamente junto à borda, com o nariz quase roçando o costado do barco, e começou a passar-lhe por baixo, longo, fundo, largo, prateado, listrado de púrpura, interminável nas águas.

O velho largou a linha, calcou-a com o pé, levantou o arpão ao alto e fê-lo descer, com toda a força que tinha e mais força que no momento invocou, pelo flanco do peixe adentro, mesmo por trás da grande barbatana peitoral que alta se erguia no ar à altura do peito do homem. Sentiu o ferro entrar e debruçou-se sobre ele e fê-lo entrar mais e carregou depois com o seu peso em cima.

O peixe então reanimou-se, com a morte em si, e saltou bem fora de água, patenteando

o seu grande comprimento, a sua envergadura, o seu poder inteiro, a sua beleza. Parecia pairar no ar, acima do velho no esquife. Depois, caiu na água com estrépito, lançando espuma ao velho e por todo o barco.

O velho sentiu-se a desmaiar, agoniado, não via claro. Mas desembaraçou a linha do arpão, e deixou-a correr devagar nas mãos esfoladas e, quando pôde voltar a ver, o peixe estava de costas, com a barriga prateada para cima. O cabo do arpão erguia-se, numa certa inclinação, do flanco do peixe, e o mar mudava de cor com o vermelho do sangue do seu coração.

Primeiro era escuro como um cardume na água azul e funda de mais de uma milha. Depois, espalhou-se como uma nuvem. O

peixe, estava prateado, quieto, flutuando ao sabor das ondas.

O velho olhou atentamente, no relance de visão que teve.

Passou então duas voltas da linha do arpão nas abitas da proa, e pousou a cabeça nas mãos.

-- Não me deixes perder a cabeça -- disse contra a madeira da proa. -- Sou um velho exausto. Mas matei este peixe que é meu irmão, e tenho agora de fazer o trabalho vil.

"Devo tratar agora dos laços e do cabo para o amarrar ao barco, pensou. Mesmo que fôssemos dois e o inundássemos para embarcar o peixe, este esquife não o aguentaria. Tenho de preparar tudo, depois alá-lo, espiá-lo bem, pôr o mastro e largar a vela rumo a casa".

Começou a puxar o peixe para o ter junto do esquife e poder passar-lhe uma linha às guelras e a sair pela boca e amarrar assim a cabeça à proa. "Quero vê-lo, pensou, tocá-lo, senti-lo. É a minha fortuna. Mas não é por isso que quero apalpá-

lo. Creio que lhe senti o coração. Quando empurrei o arpão pela segunda vez. Trá-lo para cá e prende-o bem e passa-lhe um nó corredio à cauda e outro pelo meio para o amarrar ao esquife".

-- Toca a trabalhar, velhote -- disse. Bebeu um muito pequeno gole de água. -- Agora que a

luta acabou, há trabalho de sobra.

Ergueu o olhar para o céu, e lançou-o depois ao seu peixe.

Observou o sol cuidadosamente. "Não é muito mais de meio-dia, pensou. E o vento está a levantar-se. As linhas não interessam nada agora. O rapaz e eu as emendaremos em casa".

-- Anda, peixe. -- Mas o peixe não veio. Balanceava-se nas águas, e o velho puxou o esquife até ele.

Quando ficaram lado a lado, com a cabeça do peixe encostada à proa, não queria crer no tamanho dele. Desamarrou, porém, das abitas o cabo do arpão, passou-o pelas guelras, fê-lo sair pelas maxilas, deu uma volta pela lança, meteu-o pelas outras guelras, deu outra volta pelo dardo, fez um nó do duplo cabo e prendeu-o às abitas da proa. Cortou então o cabo, e foi à popa para espiar a cauda. O peixe, de púrpura e prata, passara a prateado só, e as listras tinham a cor violeta clara da cauda. Eram mais largas que uma mão de homem com os dedos abertos, e o olho do peixe destacava-se tanto como os espelhos de um periscópio ou um santo numa procissão.

-- Era a única maneira de o matar -- disse o velho. Desde que bebera a água, estava a sentir-se melhor e certo de que não se iria abaixo, nem a cabeça se esvairia. -- Tem mais de setecentos quilos, assim como é. Talvez muito mais. Se dá dois terços limpos, a sessenta cêntimos o quilo?...

Precisava de um lápis. A cabeça não me chega a tanto. Mas acho que o grande DiMaggio se orgulharia hoje de mim. Eu não tinha "esporas de osso". Mas as mãos e as costas doem de verdade. -- Que será uma "espora de osso"?, pensou.

Talvez seja coisa de ter-se sem se saber.

Amarrou o peixe à proa, à popa e a meia-nau. Era tãogrande que era quase como ter ao lado um barco muito maior. Cortou um pedaço de linha e prendeu a queixada inferior do peixe à lança, para que a boca se não abrisse, e navegassem o melhor possível. Enfiou depois o mastro e, com o pau que era a sua carangueja e o botaló bem espiado, a vela remendada desfraldou-se, o barco começou a mover-se e, com a borda na água à popa, foi de rumo a sudoeste.

Não precisava o velho de bússola para lhe dizer para onde ficava o sudoeste. Apenas precisava de sentir os ventos e o bater da vela. É melhor deitar uma linha com um engodo e ver se arranjo de comer, de que beba o suco. Mas não encontrou nada que pôr na linha e as sardinhas estavam podres. Por isso, com o croque apanhou à passagem um pedaço de sargaço amarelo, e sacudiu-o, fazendo com que os pequenos camarões que nele havia caíssem no fundo do barco. Havia mais de uma dúzia, a saltar como pulgas do mar. O velho atirava-lhes as cabeças fora com um piparote, e comia-os, mastigando cascas e rabos. Eram muito pequenos, mas alimentavam e sabiam bem.

O velho ainda tinha na garrafa umas duas goladas de água, e bebeu meia depois de comidos os camarões. O esquife navegava regularmente, tendo-se em conta a carga, e o velho pilotava-o com a cana do leme debaixo do braço. Tinha o peixe diante dos olhos, e bastava-lhe olhar para as mãos e sentir as costas contra a popa para saber que tudo acontecera de facto e não havia sido um sonho. A certa altura, quando próximo do fim estivera a sentir-se tão mal, pensara que talvez fosse um sonho. Depois, quando vira o peixe saltar da água e ficar suspenso no ar antes de cair, tivera a sensação de que algo havia de muito estranho, e não queria crer. É que então não via bem, e agora via como sempre vira.

Agora, sabia que o peixe existia e que as mãos e as costas não eram sonho. "As mãos curam-se depressa pensou. Deixei-as sangrar e a água salgada as sarará. A água escura da verdadeira corrente do Golfo é a melhor panaceia que há. O

que eu preciso é aguentar a cabeça. As mãos cumpriram o seu dever, e navegamos a preceito. Com a boca fechada e a cauda a dar a dar, cá vamos como irmãos". Começou então a poder arrumar as ideias e pensou: "É ele quem me leva ou sou eu quem o leva a ele? Se eu o levasse a reboque, a questão não se punha. Nem se punha também, se o peixe viesse no barco, perdida a dignidade toda. Mas navegamos juntos, lado a lado".

E o velho pensou: "Pois que seja ele a levar-me, se isso lhe dá gosto. Eu só pela manha valho mais do que ele, que me não queria mal".

Navegavam bem, e o velho mergulhou as mãos na água salgada e fez por manter claras as ideias. Havia altos cúmulos e bastantes cirros por cima deles, e o velho sabia que assim a brisa duraria a noite inteira. Fitava constantemente o peixe, para ter a certeza de que era verdade. Não passara uma hora, quando o primeiro tubarão o mordeu.

O tubarão não era acidental. Viera de muito fundo, ao dispersar-se no mar a escura nuvem de sangue. Ascendera tão rapidamente e tão absolutamente sem cautelas, que abriu a superfície das águas azuis e apareceu ao sol. Caiu depois no mar e farejou e começou a nadar na esteira do esquife e do peixe.

Por vezes, perdia o cheiro. Tornava, porém, a dar com ele, ou a sentir apenas um vago rasto, e nadava rapidamente na esteira. Era um enorme "Mako", feito para nadar tão velozmente como o mais veloz peixe dos mares, e tudo nele era belo excepto as queixadas.

O dorso era azul como o de um espadarte, a barriga prateada, e os flancos macios e belos. Era tal qual um espadarte, com a diferença das medonhas queixadas que levava cerradas ao nadar veloz, logo abaixo da superfície, com a alta barbatana dorsal anavalhando as águas sem vacilar. Dentro dos lábios apertados, as oito ordens de dentes inclinavam-se para o interior da boca. Não eram os vulgares dentes piramidais da maior parte dos tubarões. Eram como os dedos de uma mão humana quando crispada em garra. Eram quase tão compridos como os dedos do velho e afiados como navalhas dos dois lados. Eis um peixe feito para comer todos os peixes do mar, mesmo os velozes e fortes e bem armados, que outro inimigo não têm. Aí vinha ele por ter cheirado melhor, e a barbatana dorsal azul cortava as águas.

Quando o velho o viu vir, reconheceu que era um tubarão que nada temia e havia de fazer exactamente o que lhe apetecia.

Preparou o arpão e amarrou a corda, enquanto observava a chegada do tubarão. A corda era curta, por lhe faltar o que ele cortara para prender o peixe.

O velho sentia-se bem da cabeça e resoluto, mas alimentava pouca esperança. "Não há tão grande bem que sempre dure --

pensou. E lançou um olhar ao grande peixe, ao ver o tubarão aproximar-se. -- Podia bem ter sido um sonho. Não posso impedi-lo de me atingir, mas talvez consiga apanhá-lo.

Dentuso, pensou. O diabo leve a tua mãe".

O tubarão veio pela popa e, quando chegou ao peixe, o velho viu-lhe a boca abrir-se e os olhos estranhos e o estalo --

chope! -- dos dentes a fecharem-se na carne, logo acima da cauda. A cabeça do tubarão estava fora de água e o dorso vinha saindo, e o velho ouvia a pele e a carne a rasgarem-se no grande peixe, quando cravou o arpão na cabeça do tubarão, no ponto de intersecção da linha dos olhos com a linha do nariz. Tais linhas não existiam. Existiam apenas a possante cabeça de um azul ferrete e os grandes olhos e as queixadas investindo estralejantes e de engolir tudo. Mas era aquela a localização do cérebro, e o velho feriu. Feriu-o com as suas mãos ensanguentadas, que manejavam vigorosamente um bom arpão. Feriu sem esperança, mas com decisão e total malignidade.

O tubarão rebolou e o velho viu-lhe o olhar morto, e tornou a rebolar envolvendo-se em duas voltas de corda. O velho sabia-o morto, mas o tubarão é que não aceitava tal. Depois, de costas, com a cauda a bater e as queixadas a estralejar, o tubarão rasgou as águas como um barco de corrida. Onde a cauda batia, a água espumejava, e três quartos do corpo iam de fora, quando a corda se retesou, vibrou e rebentou. O

tubarão ficou por momentos quieto à superfície, o velho a observá-lo. E, depois, afundou-se muito devagar.

-- Levou-me uns vinte quilos -- disse alto o velho. "E

também o meu arpão e a corda toda, pensou, e o meu peixe está outra vez a sangrar e outros virão".

Não lhe agradava olhar já para o peixe, mutilado como ficara. O peixe ser atingido fora como se ele próprio o tivesse sido.

"Mas matei o tubarão que tocou no meu peixe. E era o maior *dentuso* que jamais vi. E sabe Deus que tenho visto dos grandes".

"Não há bem que sempre dure. Quem me dera que tivesse sido um sonho, que eu não tivesse pescado o peixe e estivesse sozinho na cama, em cima dos jornais".

-- Mas o homem não foi feito para a derrota -- disse. -- Um homem pode ser destruído, mas não derrotado. Tenho pena de ter morto o peixe. Agora vem o pior, e nem sequer me resta o arpão. O *dentuso* é feroz e hábil e forte e inteligente. Mas eu fui mais inteligente do que ele. Talvez não. Talvez só estivesse mais bem armado.

-- Não penses, velho -- disse alto. -- Segue o teu rumo, e aceita o que vier.

"Preciso de pensar. Porque nada mais me resta. Isso e o "baseball". Gostava de saber se o grande DiMaggio gostaria da maneira como lhe acertei nos miolos. Não foi grande coisa.

Qualquer o faria. Mas não achas que o estado das minhas mãos equivale às "espuelas"? Não posso saber. Nunca sofri do calcanhar, a não ser daquela vez em que a nadar pus o pé na jamanta e ela me deu um choque que me paralisou a perna e provocou uma dor intolerável".

•

Pensa em coisas mais alegres, velhote -- comentou. --

Minuto a minuto, estás mais perto de casa. E vais mais leve, com vinte quilos a menos.

Sabia muito bem o que podia acontecer, quando atingisse o interior da corrente. Mas nada havia a fazer.

-- E há! -- exclamou. -- Posso atar a faca à ponta de um dos remos.

E assim fez, com a cana do leme debaixo do braço e o pé em cima do extremo da vela.

-- Agora sou ainda um velho. Mas não estou desarmado.

A brisa refrescara e singravam ligeiros. Contemplava apenas a parte anterior do peixe e alguma esperança lhe voltou.

"É tolice não ter esperança, pensou. Além de que suponho que é pecado. Não penses no pecado. Já sem ele há problemas de sobra. E do pecado não tenho entendimento".

"Não tenho dele entendimento, e até me parece que não acredito nele. Talvez fosse pecado matar o peixe. Julgo que terá sido, embora o tenha morto para viver e dar de comer a muita gente. Mas então tudo é pecado. Não penses no pecado. É

tarde demais para isso, e há gente paga para pensar nele.

Eles que pensem. Tu nasceste para pescador, como os peixes para ser pescados. S. Pedro era pescador, como o pai do grande DiMaggio".

Gostava, porém, de pensar em todas as coisas em que se implicava e, uma vez que não havia que ler e não tinha rádio, pensava muito, e continuou a pensar no pecado. "Não mataste o peixe só para viver e vendê-lo para ser comido. Mataste-o por amor-próprio e porque és um pescador. Amáva-lo quando estava vivo, e ama-lo depois de morto. Se o amas, não é pecado matá-

lo. Ou será mais?"

-- Tu pensas demais, velhote -- disse em voz alta.

"Mas gozaste com a morte do *dentuso*, pensou. Vive de peixe como tu. Não é dos que andam aos restos, nem um apetite ambulante como alguns tubarões são. É belo e nobre e não conhece o medo".

-- Matei-o em legítima defesa -- exclamou. -- E matei-o muito bem.

"Além de que, pensou, tudo mata, de uma maneira ou de outra. Pescar mata-me, exactamente como me mantém vivo. O

rapaz mantém-me vivo. Não devo iludir-me demais".

Debruçou-se da borda e arrancou um pedaço de carne do peixe, de onde o tubarão o encetara. Mastigou e notou a qualidade e o sabor. Era rija e suculenta como verdadeira carne, mas não era vermelha. Não era fibrosa; na lota valeria um preço dos mais altos. Não havia, porém, maneira de tirar da água o cheiro dela, e o velho sabia que o pior estava para vir.

A brisa era constante. Rondara um pouco para nordeste, o que significava que não cairia. O velho perscrutava em frente, mas não enxergava vela ou o casco ou fumo de qualquer navio. Havia apenas os peixes-voadores que saltavam para cada lado da proa e as massas amarelas do sargaço. Nem um pássaro enxergava.

Velejara duas horas, recostado na popa, manducando às vezes um bocadito do peixe, fazendo por repousar e criar forças, quando viu o primeiro de um par de tubarões.

-- *Ay*! -- exclamou. Não há tradução para o que é talvez apenas um ruído como o que um homem emitiria, involuntariamente, ao dar com as unhas em qualquer parte.

-- *Galanos*. -- Vira vir a segunda barbatana atrás da primeira, e identificara ambas como peixes-martelos, por serem castanhas e triangulares as barbatanas, e pelo varrer das caudas. Haviam dado com o cheiro, estavam excitados e, na estupidez da grande fome que tinham, perdiam e achavam o cheiro na excitação em que vinham. Mas aproximavam-se sempre.

O velho prendeu a ponta da vela e segurou a cana do leme.

Pegou depois no remo com a navalha presa à extremidade.

Ergueu-o ao de leve porque as

mãos doridas se recusavam. Abriu-as e fechou-as nele, levemente, para as reactivar. Apertou-as com firmeza, então, para que aceitassem a dor sem vacilar, e esperou pelos tubarões. Via-lhes as cabeças em forma de pá, achatadas, largas, e as grandes barbatanas peitorais ponteadas de branco. Eram tubarões nojentos, mal cheirosos, que tanto matavam como andavam aos restos e, com fome, até mordiam um remo ou o leme de um barco. Eram estes tubarões quem decepava as pernas e as mãos das tartarugas, quando elas dormiam à superfície, e que, com a fome, atacavam um homem dentro de água, mesmo que o homem não cheirasse a sangue de peixe nem tivesse nele os limos que os peixes trazem.

-- *Ay! Galanos*. Ora venham os *galanos*.

Vieram. Mas não como o "mako" tinha vindo. Um voltou-se e sumiu-se debaixo do esquife, e o velho sentia o esquife tremer com os puxões que ele dava ao peixe. O outro fitou o velho com os seus olhos amarelos e fendidos, e aproximou-se veloz, com o semicírculo das queixadas escancarado, para morder o peixe onde já fora mordido. Claramente se desenhava no alto da cabeça castanha e do dorso, o ponto onde os miolos se ligavam à espinha dorsal, e o velho cravou aí a faca, retirou-a, e tornou a cravá-la no olho amarelo, de gato. O

tubarão largou o peixe e deslizou para o fundo, engolindo na morte o que arrancara.

O esquife ainda tremia com a destruição que o outro estava fazendo no peixe, e o velho

soltou a vela, para o barco dar uma guinada e descobrir o outro tubarão. Quando o viu, debruçou-se na borda e atacou-o.

Acertou na carne, e o flanco era duro e a faca mal penetrou.

A pancada magoou-lhe não só as mãos como o ombro. Mas o tubarão ascendeu

outra vez muito lépido, de cabeça erguida, e o velho acertou-lhe em cheio no centro da cabeça achatada, quando o nariz saiu da água apontado ao peixe. O velho retirou a lâmina e tornou a ferir exactamente no mesmo ponto. O tubarão continuava de queixadas abocanhadas no peixe, e o velho esfaqueou-o no olho esquerdo. O tubarão não abriu a boca.

•

Não! -- exclamou o velho, e meteu-lhe a faca entre as vértebras e os miolos. Era

um golpe fácil de dar, e sentiu a cartilagem rasgar-se. O

velho virou o remo e meteu a lâmina nas queixadas do tubarão, para lhas abrir. Torceu-a e, quando o tubarão se afundou, disse: -- Vai, *galano*! Vai para as profundas visitar o teu amigo, ou talvez ele seja a tua mãe.

O velho limpou a lâmina da faca e pousou o remo. Pegou então na ponta da vela, que se encheu, e repôs o esquife no rumo certo.

-- Devem ter-lhe levado um quarto, e da melhor carne. Quem me dera que tivesse sido um sonho, que eu nunca o tivesse pescado. Lamento muito, peixe. Assim, nada está bem. --

Calou-se, e nem queria olhar para o peixe. Este, exangue e lavado pelas águas, estava da cor do estanho dos espelhos, mas as listras ainda se viam.

-- Não devia ter saído tão para o largo, peixe. Nem por ti, nem por mim. Desculpa, peixe.

"E agora, disse de si para si, vê se a atadura da faca está em condições. E trata da tua mão, porque ainda está mais por vir".

"Quem me dera uma pedra para a faca, continuou, depois de ter verificado a amarração ao remo. Eu devia ter trazido uma pedra. Devias ter trazido muitas coisas. Mas não as trouxeste, meu velho. E agora já não é ocasião de pensar no que não tens. Pensa no que podes fazer com o que há".

-- Dás-me muito bons conselhos! -- exclamou. Estou farto de te ouvir.

Segurou a cana debaixo do braço, e meteu ambas as mãos na água, enquanto o esquife singrava.

-- Sabe Deus quanto levou este último. Mas vai agora muito mais ligeiro. -- Nem queria pensar na barriga mutilada do peixe. Bem sabia que cada um dos sacões do tubarão significara carne arrancada e que o peixe agora deixava um rasto aos tubarões, mais largo que uma estrada pelo mar fora.

"Era um peixe para manter um homem durante o Inverno todo, pensou. Não penses nisso. Repousa e trata de pôr as mãos em estado de defender o que resta dele. O cheiro do sangue das minhas mãos nada é com todo o que vai pela água. Além de que não sangram muito. Nenhum dos golpes vale alguma coisa. E o sangrar pode evitar as cãibras da mão esquerda".

"Em que posso eu pensar agora? Em nada. Pois não pensarei em nada, e esperarei os que hão-de vir. Quem me dera que tivesse sido um sonho. Quem sabe? Podia ter acabado bem".

O tubarão seguinte era um peixe-martelo. Veio como um porco à pia, se um porco tivesse uma bocarra tamanha que nos coubesse lá a cabeça. O velho deixou-o morder, e depois enfiou-lhe a faca nos miolos. Mas o tubarão pulou para trás ao rebolar, e a lâmina quebrou-se.

O velho instalou-se a governar o barco. Nem sequer se pôs a ver o grande tubarão a afundar-se lentamente nas águas, primeiro em tamanho natural, depois pequeno, a seguir, insignificante. O que sempre fascinara o velho. Mas nem sequer se pôs a ver.

-- Tenho o croque. Mas não serve. Tenho os dois remos, e a cana do leme, e o cacete.

"Agora, já me venceram, pensou. Estou velho para matar tubarões à pancada. Mas hei-de lutar, enquanto tiver remos e o cacete e a cana".

Meteu as mãos na água, para as amaciar. A tarde ia no fim, e só via mar e céu. Havia, porém, no céu mais vento do que antes, e esperava não tardar a enxergar terra.

-- Estás cansado, velho -- disse. -- Estás cansado de todo.

Os tubarões não voltaram a atacar antes do pôr do sol.

O velho viu as barbatanas castanhas avançando pelo largo rasto que o peixe devia deixar nas águas. Nem sequer vinham farejando. Vinham enfiados ao esquife, nadando lado a lado.

Prendeu a cana, amarrou a ponta da vela, e estendeu a mão para o cacete, debaixo da popa. Era um remo partido e serrado depois, com quase um

metro. Só podia ser manejado eficazmente com uma das mãos, por causa do chanfro do punho, e segurou-o com a mão direita, bem fechada nele, ao ver chegar os tubarões. Ambos eram *galanos*.

"Devo deixar o primeiro morder bem, e dar-lhe depois uma pancada na ponta do nariz ou mesmo no alto da cabeça", pensou.

Os dois tubarões chegaram juntos, e, quando o mais próximo abriu a goela e enterrou as queixadas no flanco prateado do peixe, ele levantou o cacete ao alto e deixou-o cair pesadamente no cimo da larga cabeça do tubarão. No cair do cacete, sentiu a elástica solidez dela. Mas sentiu também a rigidez do osso, e tornou a bater com força, mas na ponta do nariz, quando o tubarão já se soltava do peixe.

O outro tubarão andara cá e lá, e aí vinha ele de goela escancarada. O velho bem via pedaços da carne do peixe a saltarem-lhe do canto da boca, ao atacar o peixe e fechar as queixadas. Voltou-se a ele e acertou-lhe na cabeça, e o tubarão fitou-o e arrancou a carne. O velho deu-lhe outra vez, já ele se afastava para engolir, e acertou apenas na elasticidade sólida e maciça.

-- Vem, *galano*. Volta outra vez.

O tubarão veio de carreira, e o velho acertou-lhe, fechava ele a boca. Acertou-lhe em cheio e de tão alto quanto podia levantar o cacete. Desta vez, sentiu o osso na base do crânio e tornou a dar-lhe no mesmo sítio, enquanto o tubarão molemente arrancava a carne e se sumia do peixe.

O velho ficou a ver se ele voltava, mas nenhum voltou.

Tempo depois, um deles apareceu à superfície, nadando em círculo. Não viu mais a barbatana do outro.

"Não podia esperar matá-los, pensou. No meu tempo, sim. Mas magoei-os de verdade, e nenhum deles se deve sentir muito bem. Se tivesse um pau com duas pegas, matava de certeza o primeiro. Até agora".

Para o peixe não queria olhar. Sabia que metade dele fora destruída. O sol desaparecera, enquanto durara a luta com os tubarões.

Não tarda que seja noite

-- disse. -- Hei-de ver então o clarão de Havana. E, se estiver muito para leste, verei as luzes de uma das praias novas.

"Já não posso estar muito ao largo. Espero que ninguém se tenha afligido. Claro que o rapaz se aflige. Mas estou certo de que terá confiado. Muitos pescadores mais velhos se afligirão. E muitos outros também. Vivo numa boa terra".

Com o peixe não podia falar, porque o peixe estava todo estragado. Veio-lhe então uma ideia à cabeça.

-- Semipeixe! -- exclamou. -- α peixe que tu eras! Desculpa ter vindo tão para o largo. Dei cabo de nós ambos. Mas matámos muitos tubarões, tu e eu, e demos cabo de muitos outros. Quantos mataste tu, meu velho peixe? Não tens para nada essa lança na cabeça.

Gostou de pensar no peixe e no que este faria a um tubarão, se nadasse em liberdade. "Devia ter-lhe cortado a lança para lutar com ele", pensou. Mas machado não havia, e agora nem sequer a faca.

"Se tivesse, e amarrasse a lança ao remo... que arma! E é que havíamos então lutado juntos. Que farás, se eles voltam de noite? Que podes tu fazer?" Lutar -- respondeu. -- Lutar até morrer.

Na treva, porém, sem clarão fulgindo, nem luzes, só com o vento e o firme impulso da vela, sentiu-se como se já estivesse morto. Juntou as mãos para sentir as palmas. Não estavam mortas, e era capaz de sentir a dor da vida, apenas com abri-las e fechá-las. Encostou as costas à popa, e reconheceu que não estava morto. Os ombros lho disseram.

"Tenho para rezar todas as orações que prometi, se apanhasse o peixe, pensou. Mas estou muito cansado para as rezar agora. É melhor pegar no saco e pô-lo pelos ombros".

Deitado na popa, governava o barco e esperava que a claridade surgisse no céu. "Talvez eu tenha a sorte de chegar com a metade dianteira. Devia caber-me alguma sorte. Não.

Violaste a sorte, quando saíste para o largo demais".

-- Não sejas tolo! -- exclamou. -- E não adormeças e governa. Ainda podes ter muita sorte.

"Gostava de comprar alguma, se há sítio onde se venda".

"Com que havia de comprá-la? Perguntou a si próprio. Havia de comprá-la com um arpão perdido, uma faca partida e duas mãos desfeitas?"

-- E podias -- disse. -- Querias comprá-la com oitenta e quatro dias no mar. E quase ta venderam.

"Não devo pensar em tolices. A sorte é coisa que vem de muitas formas. Quem sabe reconhecê-la? No entanto, eu aceitava alguma em qualquer forma, e pagava o que me pedissem. Quem me dera ver o clarão das luzes. Quem me dera tanta coisa! Mas é isto o que eu quero agora". Procurou instalar-se mais confortavelmente ao leme, e pela dor sabia que não estava morto.

Viu o reflexo das luzes da cidade, por volta do que seriam as dez horas da noite. Era perceptível apenas, a princípio, como a claridade no céu antes de a lua nascer. Depois, viu as luzes firmes no oceano que engrossava com o refrescar da brisa. Navegava dentro do clarão e pensou que não tardaria a passar a borda da corrente.

"Agora, acabou-se. Se calhar, atacam-me outra vez. Mas que pode um homem contra eles, no escuro, sem armas?"

Sentia-se dormente, dorido, e as feridas e as partes mais esforçadas do corpo doíam-lhe com o frio da noite. "Espero não ter de lutar mais, pensou. Tanto espero não ter de lutar outra vez!"

Mas, por volta da meia-noite, lutou e dessa vez sabia que era inútil. Vieram em massa, e apenas via as linhas que as barbatanas abriam na água e a fosforescência deles ao atirarem-se ao peixe. Batia-lhes na cabeça, ouvia o estalo das queixadas, sentia o tremer do esquife quando eles mordiam por baixo. Batia-lhes desesperadamente no que apenas sentia e ouvia, e sentiu que alguém lhe agarrava no cacete, que se sumiu.

Arrancou a cana do leme, e bateu e feriu com ela, segurando-a com ambas as mãos, abatendo-a vezes seguidas.

Mas vinham pela proa, um após outro, juntos, arrancando pedaços de carne, que brilhavam dentro do mar quando eles se voltavam para um novo ataque.

Veio, por fim, um, que se atirou à cabeça, e o velho viu que tudo acabara. Acertou com a cana na cabeça do tubarão, cujas maxilas estavam presas na dureza da cabeça do peixe, que se não rasgava. Vibrou a pancada uma, duas, três vezes.

Ouvia a cana partir-se, e espicaçou o tubarão com a ponta estilhaçada. Sentiu-a penetrar e, ciente de que era aguçada, enterrou-a mais. O tubarão soltou-se e rolou para longe. Era o último tubarão do bando que aparecera. Nada mais havia de comer.

O velho mal podia respirar, e sentia na boca um sabor estranho, adocicado, metálico, e por

instantes teve medo. Mas não durou muito.

Cuspiu para o oceano e disse: -- Comam isso, *galanos*. E

fiquem a julgar que mataram um homem.

Sabia-se irremediavelmente derrotado e voltou à popa e verificou que a ponta partida da cana encaixava no olhal do leme o suficiente para ele poder governar. Compôs o saco pelos ombros e repôs o esquife no rumo. Vogava ligeiro, e o velho não tinha pensamentos ou sentimentos nenhuns. Passara por tudo, e limitava-se a dirigir o barco para o porto, tão bem e tão inteligentemente quanto podia. Pela noite, tubarões atacaram a carcaça, como alguém pode apanhar migalhas da mesa. O velho não lhes prestou atenção e a nada prestava atenção senão ao leme. Apenas reparava em como o barco singrava bem, muito ligeiro, agora que não levava grande peso na borda.

"É muito bom. É sólido e nada sofreu, a não ser a cana, que facilmente se substitui".

Bem se sentia dentro da corrente, e distinguia as luzes das praias ao longo da costa. Sabia já onde estava, e nada era voltar.

"O vento é nosso amigo, lá isso é, pensou. E depois acrescentou, às vezes. E o mar largo com os nossos amigos e inimigos. E a cama. A cama é minha amiga. Só a cama. A cama há-de ser uma grande coisa. É fácil, agora que foste vencido.

Nunca supus como era tão fácil. E o que te derrotou!"

-- Nada -- exclamou. -- Saí muito para o largo.

Quando entrou no pequeno porto, as luzes do Terraço estavam apagadas, bem sabia que todos dormiam já. A brisa refrescara muito e soprava forte. O porto, porém, estava calmo, e navegou até à pequena praia de seixos abaixo das rochas. Não havia quem o ajudasse, e puxou o barco para cima até onde pôde. Depois, desembarcou, e amarrou-o a um rochedo.

Tirou o mastro, enrolou a vela e colheu-a. Pôs o mastro ao ombro e começou a subir. Foi então que soube a profundidade do seu cansaço. Parou um momento e olhou para trás e distinguiu ao clarão da luz da rua a grande cauda do peixe erguendo-se bem por cima da popa do esquife. Viu a branca linha desnuda da espinha dorsal e a massa sombria da cabeça com a lança projectando-se e o total descarnado do corpo.

Recomeçou a subir e, no cimo, caiu e ficou algum tempo estendido, com o mastro sobre os ombros. Procurou levantar-se. Mas era muito difícil, e ali ficou sentado, com o mastro ao ombro, a olhar para a estrada. Um gato passou do outro lado, que ia à sua vida, e o velho esteve a segui-lo com os olhos. Depois, apenas fitava a estrada.

Por fim, pousou o mastro e levantou-se. Voltou a pegar no mastro, pô-lo ao ombro, e dirigiu-se para a estrada. Cinco vezes teve de sentar-se, antes de chegar à sua cabana.

Lá dentro, encostou o mastro à parede. No escuro, achou a garrafa da água e bebeu uma golada. Depois, estendeu-se na cama. Puxou para os ombros o cobertor e para as costas e as pernas, e adormeceu de bruços nos jornais, com os braços estendidos e as palmas viradas para cima.

Dormia, quando pela manhã o rapaz espreitou à porta.

Ventava com tanta violência, que os barcos de vela não saíram, e o rapaz dormira até mais tarde, e viera depois à cabana do velho, como vinha todas as manhãs. O rapaz viu que o velho respirava, e viu a seguir as mãos dele, e desatou a chorar. Saiu muito silenciosamente, para ir buscar café, e pelo caminho fora ia chorando.

Vários pescadores rodeavam o esquife, olhando para o que a ele estava amarrado, e um estava metido na água, de calças arregaçadas, a medir com uma linha o esqueleto.

O rapaz não desceu à praia. Já lá estivera, e um dos pescadores ficara por ele a guardar o barco.

-- Como está ele? -- berrou um dos pescadores.

-- A dormir -- gritou o rapaz. Não se importava de que o vissem a chorar. -- Que ninguém o incomode.

-- Tinha mais de seis metros do nariz à cauda -- exclamou o pescador que estava a medir.

-- Acredito -- respondeu o rapaz.

Entrou no Terraço e pediu uma caneca de café.

-- Quente, e com muito leite e açúcar.

-- Mais nada?

-- não. Hei-de ver depois o que ele pode comer.

-- Mas que peixe! -- disse o proprietário. -- Nunca se viu um peixe assim. Também eram bons os dois que pescaste ontem.

-- Que o diabo os leve -- praguejou o rapaz, desatando outra vez a chorar.

-- Queres beber alguma coisa? -- ofereceu o dono.

-- Não. Eles que não macem o Santiago. Eu volto já.

-- Diz-lhe que lamento muito.

-- Obrigado.

O rapaz levou o café quente até à cabana e sentou-se junto do velho, à espera de ele

acordar. Certa vez, parecia que ele ia acordar. Mas recaíra no sono profundo, e o rapaz teve de atravessar o caminho, para pedir lenha e aquecer o café.

O velho acordou enfim.

-- Não te levantes para cima -- disse o rapaz. -- Bebe. --

E deitou café num copo.

O velho pegou no copo e bebeu.

-- Venceram-me, Manolin. A verdade é que me venceram.

-- *Ele* não te venceu. O peixe, não.

-- Não. É verdade. Foi a seguir.

-- O Pedrico está a tomar conta do barco e da palamenta.

Que queres que se faça à cabeça?

-- O Pedrico que a leve para armadilhas.

-- E a lança?

Fica tu com ela, se quiseres.

-- Quero -- disse o rapaz. -- E agora temos de assentar as outras coisas.

-- Procuraram-me?

-- Claro que sim. Os guarda-costas e os aviões.

-- O oceano é muito grande e o esquife é pequeno e difícil de ver -- comentou o velho. E notou como era agradável ter com quem falar, em vez de falar só consigo e com o mar. --

Senti a tua falta -- disse. -- Que apanhaste?

-- No primeiro dia, um. Outro no segundo, e dois no terceiro.

-- Foi muito bom.

-- Agora voltamos a pescar juntos.

-- Não. Eu não tenho sorte. Já não torno a ter sorte.

-- Para o diabo a sorte. Eu levo a sorte comigo.

-- E que dirá a tua família?

-- Quero lá saber! Pesquei ontem dois. Mas havemos de pescar juntos, que eu ainda tenho muito que aprender.

-- Precisamos de arranjar uma boa lança e tê-la sempre a bordo. A lâmina pode fazer-se de uma folha de molas de um Ford velho. Amolamo-la em Guanabacoa. Tem de ficar afiada; e não temperada assim, parte-se. A minha faca partiu-se.

-- Eu arranjo outra faca e trato de afiar a mola. Quantos dias de brisa fresca ainda temos?

-- Talvez três. Talvez mais.

-- Porei tudo em ordem. Trata de curar as tuas mãos, meu velho.

Bem sei como sará-las.

De noite, cuspi uma coisa esquisita e senti rebentar-me qualquer coisa no peito.

-- Cura isso também. Deita-te, velho, que eu trago-te a camisa lavada. E de comer.

-- Traz-me jornais de quando andei por fora -- disse o velho.

-- Tens de te pôr bom depressa, porque ainda há muito para eu aprender e tu és capaz de me ensinar tudo. Sofreste muito?

-- Imenso.

-- Eu trago-te a comida e os jornais. Repousa, velho. Hei-de trazer da farmácia um remédio para as mãos.

-- Não te esqueças de dizer ao Pedrico que é dele a cabeça.

-- Não. Hei-de lembrar-me.

O rapaz, saída a porta e descendo o caminho aberto no coral gasto, chorava.

Nessa tarde, havia no Terraço um grupo de turistas e, olhando para a água, entre latas de cerveja vazias e barracudas mortas, uma mulher viu a enorme espinha branca com a portentosa cauda à ponta, que arfava e balouçava na maré, enquanto o vento leste levantava um mar picado e cadenciado, fora da entrada do porto.

-- Que é aquilo? -- perguntou ela a um criado, e apontava para a longa espinha dorsal do grande peixe, que era apenas lixo à espera de que o levasse a maré.

-- Tiburon -- respondeu o criado. -- Tubarão. -- Queria explicar-lhe o que acontecera.

-- Não supunha que os tubarões tivessem caudas tão belas, tão lindamente formadas.

-- Nem eu -- disse o companheiro dela.

Ao cimo da estrada, na sua cabana, o velho adormecera outra vez. Ainda dormia de bruços, e o rapaz estava sentado ao pé dele, a observá-lo. O velho estava a sonhar com os leões.